

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**RAYSSA FERNANDES VIEGAS**

**PAIS E FILHOS APRENDENDO MÚSICA JUNTOS:  
A EXPERIÊNCIA EM UM GRUPO DE EXTENSÃO EM  
PRÁTICAS VOCAIS COLETIVAS**

**Bagé  
2017**

**RAYSSA FERNANDES VIEGAS**

**PAIS E FILHOS APRENDENDO MÚSICA JUNTOS: A EXPERIÊNCIA EM UM  
GRUPO DE EXTENSÃO EM PRÁTICAS VOCAIS COLETIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Música -  
Licenciatura da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciado em  
Música.

Orientador: Dra. Adriana Bozzetto

**Bagé  
2017**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

V656p Viegas, Rayssa Fernandes

Pais e filhos aprendendo música juntos: a experiência em um grupo de extensão em práticas vocais coletivas / Rayssa Fernandes Viegas.  
66 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)—  
Universidade Federal do Pampa, MÚSICA, 2017.  
"Orientação: Adriana Bozzetto".

1. Famílias. 2. Aprendizagem musical. 3. Processos educativos. 4. Práticas vocais coletivas. 5. Pais e filhos aprendendo música. I. Título.

**RAYSSA FERNANDES VIEGAS**

**PAIS E FILHOS APRENDENDO MÚSICA JUNTOS: A EXPERIÊNCIA EM UM GRUPO DE EXTENSÃO EM PRÁTICAS VOCAIS COLETIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Música.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12 de dezembro de 2017.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Adriana Bozzetto  
Orientador  
(UNIPAMPA)

---

Prof. Dr. André M. Reck  
(UNIPAMPA)

---

Profa. Dra. Lúcia Helena P. Teixeira  
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho ao meu querido Jesus  
que está sempre comigo.

## AGRADECIMENTOS

Mesmo em tão pouco tempo de pesquisa, quero agradecer as pessoas que me ajudaram para que este momento pudesse ser mais uma etapa de grandes aprendizagens e companheirismo.

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida e pela Sua mão sobre mim, pelo cuidado e amor que teve comigo em todas minhas noites de escritas e análises.

À minha querida e maravilhosa orientadora, Prof Dra. Adriana Bozzetto, pelas incansáveis orientações e por ajudar para que este trabalho fosse tão belo e prazeroso. Pelos cafés e chás que dividimos em noites de intensos trabalhos. Pelas ideias e puxões de orelha, às vezes, que contribuíram muito para a minha formação como pesquisadora.

À UNIPAMPA, que proporcionou este período de aprendizagens e conhecimentos que levarei para sempre.

Aos meus professores do Curso de Licenciatura em Música, que contribuíram para que eu chegasse aqui, sempre atentos às nossas dificuldades e mostrando o interesse pela nossa formação como professores de música.

Aos colegas do curso, que dividiram risadas, medos, inseguranças, lembranças dessa etapa que hoje parece tão rápida, mas que foram longas noites sem dormir.

Agradeço aos meus pais, Tania e Glademir, que além de me apoiarem em cada momento até chegar na universidade, contribuíram e muito com a escolha do tema da minha pesquisa. Obrigada pelo apoio, carinho, cuidado e paciência mesmo quando estava cansada e estressada devido às atividades. Obrigada pelo esforço em fazerem silêncio enquanto eu transcrevia ou fazia algum diário de entrevista, sempre atentos às minhas madrugadas trabalhando para saber se eu não iria dormir.

Agradeço ao namorado, Willian, que teve paciência em aguardar minhas escritas, análise de dados, produção de capítulos. Que salvou meus dados quando o notebook teve problema, que transcreveu entrevista quando elas não salvaram no WORD. Que deixou merenginhos, doces e chocolates para me manter acordada na hora de produzir.

Agradeço ao meu primo/irmão Jeúdi, que também me salvou emprestando o notebook para não perder o ritmo e o foco. Que me ajudou a transcrever, que sempre acreditou e esteve presente nas etapas de apresentação do trabalho, dando contribuições muito valiosas.

Agradeço a todos da minha família tios, tias, primos que sempre procuraram usar palavras de apoio e incentivo demonstrando preocupação e interesse durante minha trajetória dentro da universidade. Aqueles que emprestaram computadores e pendrives para eu não perder nenhum dos dados importantes da pesquisa, muito obrigada.

Agradeço as minhas amigas, Maéli, Thalyta e Merab, que conseguiram não falar “TCC” quando eu parecia estar desesperada. Que falaram “vai ficar tudo bem”, mesmo quando eu estava na “Caverna do TCC”.

À minha colega e amiga Lidiane, que dividiu momentos de tensão e produção durante a pesquisa. Que me ajudou dizendo “Podes começar assim...”, que passou uma noite acordada para concluirmos o ainda “Projeto de TCC”.

Agradeço aos queridos colegas Ivan e Rafael que compartilharam saberes, contribuições para o TCC ou estágio, chimarrão, risadas, aprendizagens e muitos trabalhos durante esta etapa de faculdade

À querida equipe do *Tchê Concursos* que me emprestou um gravador para as entrevistas e me ajudou a entrar para a universidade.

Ao grupo de extensão em práticas vocais coletivas da Unipampa, que me acolheu e compreendeu a importância desse primeiro trabalho, abrindo as portas para que eu me sentisse bem naquele espaço.

Às queridas famílias que contribuíram com a pesquisa e que organizaram horários, muitas vezes de descanso, em suas semanas para me receber. Gratidão por nossos encontros e aprendizagens que ficarão para sempre.

“Pois eu bem sei os planos que estou projetando para vós, diz o Senhor; planos de paz, e não de mal, para vos dar um futuro e uma esperança”.

Jeremias 29:11

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender aspectos e movimentos da aprendizagem musical de pais e filhos no contexto de um grupo de práticas vocais coletivas, tendo como temática central família e aprendizagens musicais. O trabalho teve como campo empírico o grupo de extensão em práticas vocais da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, subdividido em dois grupos: dos adultos e do grupo infanto-juvenil. Meu interesse, enquanto pesquisadora em formação, nasceu do encontro com o campo de pesquisa e a possibilidade em compreender processos de aprendizagem, abrindo o olhar para pais e filhos que aprendem música no mesmo contexto. O trabalho é construído dentro da abordagem qualitativa de pesquisa, no campo da Educação Musical, com enfoque sociológico. Nessa perspectiva, foram realizadas observações dos ensaios do grupo de práticas vocais e entrevistas com os pais. As narrativas das famílias entrevistadas revelaram a importância que a música tem para a formação social, cognitiva e educacional de seus filhos, apontando o desejo de continuidade no grupo de práticas vocais. As famílias também revelaram processos educativos construídos na rotina familiar, envolvendo referenciais musicais para os filhos e construção do gosto musical, atentos às diversas formas como as crianças estão aprendendo música. Nessa direção, esse trabalho deseja contribuir para revelar aspectos da socialização musical em família, expectativas em relação ao trabalho desenvolvido no grupo de extensão e perspectivas de continuidade da aprendizagem musical, apoiado nos estudos de Bozzetto (2012; 2015), Setton (2002; 2005; 2015) e Souza (2004).

Palavras-Chave: famílias; aprendizagem musical; processos educativos; práticas vocais coletivas; pais e filhos aprendendo música.

## **ABSTRACT**

This study was aimed to comprehend the aspects and movements of musical learning of parents and children in a collective vocal practice group with the family and music learning as the central thematic. The coursework had the extension group of vocal practices from the Federal University of Pampa, in the city of Bagé, as its empiric field and it was divided in two groups: the adults and the child-juvenile. My concern, while a researcher in training, was born of the meeting between the research field and the possibility to comprehend the learning process, opening the eyes of parents and children that learn music in the same context. The study is structured within the approach of qualitative research, at the Music Education field, chez a sociological perspective. At this stance, observations of the vocal practice group and interviews with parents were made. The narrative of the interviewed families revealed the importance that music has with the social, cognitive and educational formation of its children, indicating the desire of maintaining them at the vocal practice group. The families also revealed educational process built into the family routine, involving musical references for the children and the construction of music taste, attentive to the diversity of ways that children are learning music. At this point, this study intends to contribute to the revelation of musical socializations aspects at family, expectations related to the study developed at the extension group and prospects into continuity at musical learning, supported by the studies of Bozzetto (2012; 2015), Setton (2002; 2005; 2015) and Souza (2004).

**Keywords:** families, musical learning; educational processes; collective vocal practices; parents and children learning music.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IMBA – Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé, RS

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
1.1 Sobre a escolha do tema .....	14
1.2 Objetivos .....	17
1.3 Revisão de literatura .....	18
<b>2 CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA .....</b>	<b>21</b>
2.1 Abordagem qualitativa e técnicas de pesquisa .....	21
2.2 Análise e compreensão dos dados .....	23
2.3 Apresentação das famílias: entendimento de família nesse estudo.....	25
<b>3 MOBILIZAÇÕES E MOTIVAÇÕES DAS FAMÍLIAS PARA PARTICIPAREM DO GRUPO DE EXTENSÃO.....</b>	<b>27</b>
3.1 Mobilizações para cantarem no grupo: logísticas e motivações .....	27
3.2 Expectativas das famílias sobre os ensaios.....	30
3.3 Estar junto cantando no mesmo grupo: “e aí, o que aconteceu no teu ensaio”? .....	34
<b>4 PRÁTICAS EDUCATIVO-MUSICAIS EM FAMÍLIA.....</b>	<b>39</b>
4.1 Escutas em família e no grupo: construção do gosto musical.....	39
4.2 Educação musical em família: escutas cotidianas .....	43
<b>5 PERSPECTIVAS SOBRE A FORMAÇÃO MUSICAL NO GRUPO DE EXTENSÃO</b>	<b>46</b>
5.1 A música na formação das crianças: aspectos sociais, educacionais e cognitivos' .....	46
5.2 Objetivos da família com a prática musical coletiva no grupo .....	49
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>62</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Sobre a escolha do tema

A escolha pelo tema das aprendizagens musicais em família está ligada a aspectos de minha história de vida, na qual pude tecer reflexões do quanto meus pais apoiaram, desde a infância, a estar envolvida com música e, hoje, continuar meus estudos no âmbito do ensino superior. Nesse trabalho, portanto, procuro dialogar sobre a temática família e aprendizagem musical.

Em minha formação musical, o apoio da família foi essencial para a escolha pela graduação em música. Desde cedo, meus pais investiram para que eu pudesse participar de atividades relacionadas à música dentro da igreja. Participava do grupo de coro infantil e eles gostavam de fazer o momento do culto doméstico<sup>1</sup>, em que eu tinha que cantar uma música sozinha e uma com eles.

Meu pai também me colocou na banda marcial da escola, com atividades relacionadas à marcha no turno da noite, esforçando-se para que eu estivesse presente em todos os ensaios. Lembro-me que saíamos bem tarde da escola e eu era a única aluna mais nova no meio de outros alunos.

A banda da escola não tinha atividades musicais e, quando havia, envolvia aula de conhecimentos teóricos e não de instrumento musical, que era o meu desejo. No espaço da igreja que frequentamos havia uma banda, mas eu não tinha instrumento para tocar. Foi então que meu pai conversou com o maestro da banda da igreja e pediu uma ideia de qual instrumento poderia comprar para eu participar do grupo. O maestro falou da possibilidade de eu tocar clarinete e, a partir daí, várias alternativas tiveram de ser buscadas para concretizar a compra do instrumento e, então, eu finalmente iniciar meus estudos como instrumentista. A felicidade do meu pai, em alguns momentos, parecia ser maior que a minha.

Refletindo sobre aspectos de minha história de vida, emerge à memória momentos em que voltava da aula de clarinete e meus pais pediam para que eu novamente fizesse os exercícios. Gostavam de me ouvir tocar várias vezes a mesma

---

<sup>1</sup> Culto doméstico, para os cristãos evangélicos, é um momento em que dedica-se um tempo para Deus, em casa. A família se reúne para fazer orações, cantando e terminando o momento de “adoração” com uma leitura da Bíblia.

música como ensaio para o desfile. Minha mãe tinha como “missão” me ajudar a decorar e também ouvir as frases repetidas vezes para que soasse um pouco melhor que a primeira vez. Em minhas apresentações musicais, eles fizeram um esforço grande para estarem presentes, registrando em várias fotos e divulgando para a família e amigos.

Ao longo de minha trajetória e já como licencianda em Música na UNIPAMPA, participando do projeto da Orquestra Batista Júnior<sup>2</sup>, fui me interessando em como esse trabalho pedagógico e dedicação dos pais poderia se tornar um tema possível para meu trabalho de conclusão de curso. Em função dessa experiência, meu pré-projeto de pesquisa envolvia o coral da Orquestra Batista Júnior como possível campo empírico mas, em uma das primeiras orientações para o TCC, minha professora orientou-me a pensar em um outro espaço que envolvesse a aprendizagem musical de crianças e jovens e a participação dos pais, por uma questão de distanciamento do meu ambiente de trabalho. Enquanto procurava outro campo de pesquisa soube do trabalho desenvolvido no grupo de extensão<sup>3</sup> e vi, neste, uma possibilidade para início e desenvolvimento de minha pesquisa.

Meu trabalho se desenvolve tendo como campo empírico um grupo de práticas vocais coletivas, que se configura como um projeto de extensão da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, campus Bagé. O grupo de extensão é dirigido por duas docentes do Curso de Música, dividido em dois subgrupos: dos adultos e do grupo infanto-juvenil. Os ensaios acontecem semanalmente, nas quartas-feiras à noite, ao longo de duas horas. Quando o grupo iniciou era formado apenas por adultos

---

<sup>2</sup> O Projeto da “Orquestra Batista Júnior”, da Igreja Batista Conservadora de Bagé, da qual faço parte, tem como objetivo a formação continuada de músicos no trabalho musical desenvolvido na igreja. O trabalho se desenvolve com crianças de três a dezessete anos de idade, que têm aulas de instrumento e teoria musical. A orquestra possui também um coral que é dividido em um grupo de crianças e, outro, de pré-adolescentes. Meu trabalho se desenvolve com alunos de três a oito anos, alguns já estudam outros instrumentos musicais além das aulas de coral e musicalização.

<sup>3</sup> Conforme consta no site do Curso de Música da UNIPAMPA, o “projeto de extensão Grupo de Práticas Vocais Coletivas (Baque do Pampa), coordenado pelas professoras Luana Z. dos Santos e Lúcia Teixeira, dá continuidade à ação iniciada em 2015, pretendendo ser um mobilizador de aprendizagens e trocas de conhecimentos musicais entre os atores participantes. Tendo foco nas práticas vocais, envolve a comunidade interna da Unipampa – docentes, discentes, técnicos, pessoal de serviços terceirizados – e a comunidade externa, ou seja, indivíduos não necessariamente ligados à universidade, mas interessados em atividades coletivas que envolvam o uso da voz falada ou cantada. O Grupo pauta-se na perspectiva de aproximação à comunidade de forma inclusiva, ao buscar envolver integrantes sem qualquer imposição de pré-requisitos musicais e sem pré-julgamento de suas experiências prévias com música. Em 2016, o projeto tem atuado em duas modalidades: grupo infanto-juvenil, com crianças de 7 a 12 anos, e o grupo adulto”. Para maiores informações: <http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/licenciaturaemmusica/grupo-de-praticas-vocais-coletivas/>

mas, como algumas crianças vinham com os pais aos ensaios, as coordenadoras passaram a ofertar o grupo infanto-juvenil. Os ensaios acontecem em salas separadas, porém no mesmo andar do bloco IV do campus para facilitar a comunicação entre ambos grupos, quando os dois se juntam. Cada grupo é dirigido por uma das professoras do Curso de Música. O grupo adulto tem em sua formação alguns alunos egressos do Curso de Música, discentes e docentes de outros cursos do campus e pessoas da comunidade, incluindo servidores de outros setores da universidade. O grupo infanto-juvenil tem a participação de uma aluna do curso como professora e regente auxiliar. A escolha por esse campo de pesquisa justifica-se por ter, em sua composição, crianças e adultos que, em alguns casos, são pais e filhos que aprendem música em um mesmo contexto e espaço.

Participando como pesquisadora através de observações dos ensaios do grupo infanto-juvenil, pude acompanhar o movimento de alguns pais e outros familiares entrando, algumas vezes, mais ao final dos ensaios para assistirem algum momento da aprendizagem musical desenvolvida com seus filhos. Meu interesse, enquanto pesquisadora em formação, nasceu desse encontro e da possibilidade em compreender aspectos e nuances dessa aprendizagem, abrindo o olhar para pais e filhos que estejam aprendendo música no mesmo contexto. Também, refletir sobre suas perspectivas quanto aos filhos e sobre essa experiência que eles compartilham ao aprenderem música juntos, no mesmo grupo.

Ao longo de minha inserção em ensaios do grupo de extensão, pude construir algumas questões que embasaram minha pesquisa, dentre elas: O que mobilizou pais e filhos a participarem do grupo de práticas vocais? Como se configura o cotidiano musical da família? As crianças estudam música também em outros contextos? Quais as percepções dos pais/família sobre o trabalho musical desenvolvido? Quais impactos dessa prática musical, construída nos ensaios e apresentações do grupo, dentro do ambiente familiar? Os pais desejam uma continuidade dessa atividade musical para os filhos? Como veem a música na formação das crianças?

Essa pesquisa se justifica pelo desejo em compreender vínculos e caminhos que a educação musical em família propõe, ou seja, observar a prática musical educativa, com foco na fala dos pais, atenta ao movimento das famílias nesta aprendizagem musical e expectativas em relação à educação dos filhos.

## 1.2 Objetivos

O presente estudo teve como objetivo central compreender aspectos e movimentos da aprendizagem musical de pais e filhos no contexto de um grupo de práticas vocais. Como objetivos específicos:

- Conhecer motivações de pais e filhos para participarem do mesmo grupo de práticas vocais;
- Compreender a experiência musical de pais e filhos enquanto membros do grupo do qual participam;
- Refletir sobre percepções da família a partir do trabalho musical desenvolvido;
- Revelar aspectos da socialização musical em família e perspectivas em relação à continuidade da aprendizagem.

Nessa direção, busco contribuir para a área da educação musical, em uma perspectiva sociológica, desvelando aspectos do papel das famílias no processo de ensino e aprendizagem dos filhos, enquanto uma instância de socialização. Por socialização, recorro a Belloni que a define como “um processo de relações humanas, e as primeiras interações que se constroem entre a criança e o *outro*<sup>4</sup> ocorrem no círculo familiar, ligando a criança à sua família” (BELLONI, 2009, p. 71). Nesta mesma abordagem, Setton (2015, p. 15) conclui que socialização:

(...) é uma dimensão da formação humana propiciada por instâncias produtoras de cultura e tem como tarefa primordial a transmissão de ideias e valores. Os sistemas educativos dos grupos, as estratégias e práticas de socialização daí decorrentes expressariam uma visão de mundo, seriam responsáveis pela difusão ou condenação de sistemas de valores comportamentais (SETTON, 2015, p. 15).

---

<sup>4</sup> Grifo da autora.

### 1.3 Revisão de literatura

Ao realizar um levantamento sobre o que já foi publicado em relação ao tema da pesquisa, alguns trabalhos tiveram destaque e contribuíram para que eu pudesse delinear minhas questões de pesquisa a partir do que já foi produzido.

Nessa via de compreensão, a temática desenvolvida vai ao encontro das pesquisas de Bozzetto (2012; 2015), Gomes (2011), Setton (2002) e Souza (2004), autores que trabalham com a temática educação musical, família e socialização.

Bozzetto (2012; 2015), em sua pesquisa de doutorado, investigou as famílias de crianças e jovens que aprendem música em uma orquestra, na cidade de Porto Alegre, RS. A autora, em seu trabalho, problematiza o investimento da família na formação musical dos filhos, reforçando o projeto educativo dos pais que veem a importância da orquestra para cada jovem e a intensa rede de mobilização que estes fazem para manterem seus filhos no grupo. A autora desvela a dedicação das famílias e a mudança na rotina cotidiana promovida pela socialização musical intensiva dos filhos na orquestra. Provenientes dos meios populares, essas famílias tiveram que elaborar estratégias para reorganizar os projetos educativos a partir da aprendizagem musical de seus filhos, vendo a profissão de músico como um mercado de trabalho e possibilidade de futuro.

Na pesquisa de Gomes (2011), realizada com uma família de músicos originada de Santarém (PA), são discutidos processos de transmissão e aprendizagem musical em quatro gerações da família, mostrando as mudanças que aconteceram com o passar do tempo e significados que este movimento musical tem para seus integrantes. O autor relata que o cotidiano da família está ligado com a prática musical e tem um investimento em perpetuar o que já foi aprendido, para que sempre tenha novos músicos dando continuidade a essa linhagem. O trabalho discorre sobre terminologias usadas pela família como “dom” ou até mesmo achar qual é a maneira “correta” de fazer música. Também, Gomes discute sobre o projeto educativo dos pais, as expectativas colocadas na família e a mudança em cada nova geração de músicos.

Abordando em seu artigo a importância da família, da escola e das mídias como ambientes formadores da identidade de crianças e jovens, Setton (2002) discute como se dá a transmissão de valores através desses espaços de socialização e as diversas formas como eles se formam como cidadãos através desses agentes. A autora coloca

a família como primeiro agente formador, atentando para outros espaços que, junto com ela, disputam práticas socializadoras no mundo contemporâneo:

Ou seja, o interesse em analisar o processo de socialização considerando a emergência de uma nova configuração cultural, de acordo com a qual o processo de construção das identidades sociais passa a ser mediado pela coexistência<sup>5</sup> de distintas instâncias produtoras de valores e referências culturais (SETTON, 2002, p. 110).

Souza (2004) discute a importância de compreender a música como um fator social, onde cada aluno constrói o seu repertório a partir do cotidiano e de suas vivências musicais, em que a família pode funcionar como importante referencial.

O trabalho de Oliveira e Morato (2015) abordou o processo de “ensino e aprendizagem musical na relação entre pais e filhos”. Os autores investigaram as percepções dos filhos que aprenderam música juntamente com seus pais, preservando os “significados que os filhos dão ao processo educativo-musical em que foram submetidos pelos seus pais desde a infância” (2015, p. 2). Os autores discutem o papel da família na construção do gosto musical dos filhos e a relação da afetividade como estímulo para aprendizagem musical.

### *Partes do trabalho*

O trabalho está dividido em seis capítulos: 1) Introdução, 2) Construção teórico-metodológica, 3) Mobilizações e motivações das famílias para participarem do grupo de extensão, 4) Práticas educativo-musicais em família, 5) Perspectivas sobre a formação musical no grupo de extensão e 6) Considerações Finais. O capítulo 2, a seguir, aborda os caminhos, decisões e processos analíticos da pesquisa, dentro de uma abordagem qualitativa. O capítulo apresenta os passos e técnicas de pesquisa, incluindo observações, diários de campo e as entrevistas. Faz parte, também, a análise e compreensão dos dados, apresentação das famílias e o entendimento de famílias neste estudo. O capítulo 3 relata as motivações e organizações das famílias para participarem do grupo de extensão, as expectativas

---

<sup>5</sup> Grifo da autora.

quanto aos ensaios e experiências marcantes para a família, enquanto integrantes do mesmo grupo. O capítulo 4 aborda práticas musicais em família, incluindo discussões sobre a construção do gosto musical das crianças e dos pais, os ensaios, o repertório musical trabalhado no grupo e as experiências musicais além do grupo de extensão. O capítulo 5 dedica-se às perspectivas das famílias quanto à formação musical das crianças e suas percepções do trabalho musical desenvolvido no grupo de extensão, revelando projetos educativos e o desejo de continuidade da aprendizagem musical em família. Por fim, nas considerações finais, trago reflexões sobre o trabalho, retomando minhas questões e objetivos da pesquisa, trazendo algumas considerações a respeito da minha experiência como pesquisadora e impactos em minha postura como educadora musical.

## 2 CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

### 2.1 Abordagem qualitativa e técnicas de pesquisa

O presente trabalho é construído dentro de uma abordagem qualitativa, “em uma compreensão da concepção de conhecimento como instância dinâmica e em permanente transformação, matizada pela subjetividade de quem o constrói” (FREIRE, 2010, p. 22). A investigação qualitativa tem seu interesse “mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos”, conforme orientam Bogdan e Biklen (1994, p. 49). Nesse sentido, Freire reforça que:

A pesquisa qualitativa também busca uma compreensão mais totalizante daquilo que está sendo investigado. Os recortes são feitos apenas por necessidade prática, mas, conceitualmente, todo fenômeno é visualizado como integrante de um todo maior, dinâmico e em permanente transformação (FREIRE, 2010, p. 22).

Neste estudo, meu foco está em compreender a família enquanto um dos múltiplos referenciais de socialização, na formação musical dos alunos que integram o grupo de práticas vocais coletivas. Nessa direção, como técnicas de pesquisa, realizei observações dos ensaios (ver Apêndice 1) e das apresentações do grupo de extensão da UNIPAMPA em práticas vocais coletivas, produzindo a escrita de diários de campo e tecendo reflexões sobre quem poderia, efetivamente, fazer parte das famílias que entrevistaria, visto o tempo reduzido de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso. Conforme Minayo (2010) salienta:

*O trabalho de campo*<sup>6</sup> permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os ‘atores’ que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social (MINAYO, 2010, p. 61).

Nessa pesquisa, que envolveu a iniciação de meu processo científico, busquei atentar para as subjetividades, sabendo que minha presença como pesquisadora não é neutra, nem invisível. Também produz expectativas, embora a construção

---

<sup>6</sup> Grifo da autora.

metodológica atente para diversos cuidados necessários ao observador qualitativo. Mesmo procurando ser discreta em minhas anotações, durante observações de ensaios e apresentações do grupo de práticas vocais coletivas, em diversas situações também me senti observada tendo em vista que “a abordagem qualitativa considera que não há possibilidade de isenção absoluta” (FREIRE, 2010, p. 21).

Para cada um dos diários de campo produzidos, adotamos um “título inspirador”, que contribuiu para orientar o que considere como uma marca de cada ensaio ou apresentação que participei como observadora. Esse exercício contribuiu para organizar algumas ideias e refletir sobre o campo empírico da pesquisa, conforme o quadro abaixo:

<b>Diário de Campo</b>	<b>Data</b>	<b>Título Inspirador</b>
01	12 abril 2017	<i>“Eu não vou mostrar a minha música, bem capaz!”</i>
02	19 abril 2017	O pendrive da avó
03	26 abril 2017	<i>“Ah pai, é a minha vez agora...”</i>
04	03 maio 2017	Canta conosco hoje?
05	10 maio 2017	<i>“Fur Elise, de Beethoven”</i>
06	17 maio 2017	<i>“Podes me dar uma bolachinha?”</i>
07	31 maio 2017	Onde meu campo está, eu estarei atrás
08	07 junho 2017	<i>“Viu que ela toca diferente para acompanhar o coleguinha”</i>
09	24 junho 2017	Esse é o Baque do Pampa
10	21 junho 2017	Vida enquanto pesquisadora
11	28 junho 2017	<i>“Vocês têm que se posicionar em um semicírculo”</i>
12	05 julho 2017	A hora de saber dizer <i>“até breve”</i>

A próxima etapa do trabalho compreendeu a construção do roteiro de entrevistas (ver Apêndice 2) e a realização de entrevistas (ver Apêndice 3) com as famílias das crianças que participam do grupo. Como técnica de entrevista, optei pela entrevista semiestruturada que, segundo Minayo (2010, p. 64), “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. Todas as entrevistas foram gravadas e literalmente transcritas para facilitar o processo de análise do material empírico, o que também compreendeu a produção de diários de entrevista após a realização das mesmas, contribuindo para realçar memórias musicais das famílias entrevistadas através dos títulos inspiradores:

<b>Diário de Entrevista</b>	<b>Data</b>	<b>Título Inspirador</b>
01	agosto 2017	<i>“Essa música é de 1982”</i>
02	setembro 2017	<i>“Elis Regina com a avó e Legião Urbana com a mãe”</i>
03	outubro 2017	<i>“O pendrive de cinco anos”</i>

A partir do material empírico, procurei refletir e interpretar sobre a socialização de famílias – pais e filhos – aprendendo música em um mesmo contexto. Ao longo da pesquisa, estive atenta também para as subjetividades, sabendo que minha presença como pesquisadora não era neutra nem invisível, conforme trecho do diário de campo a seguir:

Enquanto observava a turma, uma aluna estava dispersa e muitas vezes não fazia as atividades propostas. Pude notar que ela viu eu escrevendo no meu bloco e se posicionou na cadeira e ficou atenta ao que a professora falava e, quando voltava a brincar com um alfinete, ela me observava para saber se eu estava anotando ou olhando para ela. Fiquei pensando que, quanto à minha presença, como diz Freire (2010, p. 21), existe “a negação de possibilidade de neutralidade na pesquisa”. Embora procure ser discreta em minhas anotações, também sou observada porque “a abordagem qualitativa considera que não há possibilidade de isenção absoluta” (Diário de Campo, 24 abril 2017).

Através das observações, fui conhecendo as crianças em primeiro plano para, a partir de então, conhecer seu entorno familiar e conversar com esses pais e/ou essas mães que, todas as quartas feiras, à noite, comparecem no ensaio do grupo de extensão. Muitas das crianças têm os avós ou tios no grupo, porém meu foco foi entrevistar as famílias das crianças que têm o pai ou a mãe como integrantes do grupo e que compartilham o mesmo ambiente doméstico. Isso não exclui outros membros da família mas, por uma questão de tempo, foi necessário estabelecer alguns critérios para definição dos colaboradores a serem entrevistados. Portanto, participaram das entrevistas três famílias do grupo de extensão que concordaram em contribuir para a pesquisa, atendendo aos critérios citados.

## **2.2 Análise e compreensão dos dados**

As etapas analíticas do material empírico construído compreenderam reflexões desde os primeiros contatos com o campo, participando de ensaios e apresentações

do grupo de práticas vocais, através da produção de diários de campo, até as entrevistas transcritas, dialogando com o referencial teórico e organizando a construção de categorias de análise. A partir da organização do material empírico, essas categorias envolveram aspectos relativos às motivações e mobilizações das famílias para participarem do grupo de práticas vocais coletivas, revelando percepções dos pais sobre o trabalho musical desenvolvido, como veem a música na formação de seus filhos e impactos dessa prática musical dentro do ambiente familiar. Além disso, as categorias envolveram o conhecimento das práticas musicais em família e perspectivas sobre a formação musical no grupo de extensão. Conforme Penna orienta:

(...) na pesquisa qualitativa em ciências humanas, consideramos que não existem resultados desvinculados da sua discussão; ou seja, os resultados da pesquisa são constituídos pela própria descrição e interpretação dos dados; em outros termos, os resultados são fruto da análise dos dados. (PENNA, 2015, p. 153).

Enquanto as entrevistas eram realizadas, houve um constante exercício analítico ao longo dessa fase do trabalho, visto que a pesquisa qualitativa é reflexiva em todas as suas etapas (BOZZETTO, 2012). Foi possível perceber, desde as primeiras entrevistas, o cuidado que os pais têm com os filhos, o quanto desejam a continuidade do trabalho e como veem, no grupo em que aprendem música através de práticas vocais coletivas, um lugar em que os filhos convivem com outras crianças, trocando experiências e aprendendo a se posicionarem no mundo.

O processo analítico e reflexivo foi delineado com base nos estudos de autores como Bozzetto (2012; 2015), que discute sobre projeto educativo de famílias na formação musical dos filhos, e Setton (2002; 2005; 2011), referência em pesquisas sobre os múltiplos espaços de socialização na contemporaneidade, como a família e as mídias. Conforme a autora, “é importante a heterogeneidade dos espaços em que se produz e se troca informações, saberes e competências” (SETTON, 2005, p. 342).

Para compreender o espaço do grupo de extensão como importante meio para pais e filhos aprenderem música, juntos, e ali estarem desenvolvendo novos conhecimentos que ultrapassam os saberes específicos em música, os trabalhos de Souza (2004; 2009) contribuíram para abrir um outro olhar para as aprendizagens musicais coletivas, ao discutirem a importância de compreendermos a música enquanto uma “prática social”, em que cada aluno constrói o seu repertório a partir do

cotidiano e de suas vivências musicais, em que a família pode funcionar como importante referencial.

### 2.3 Apresentação das famílias: entendimento de família neste estudo

Através das leituras realizadas e de minha participação nos ensaios e apresentações do grupo, conforme já mencionei, foi necessário delimitar meus possíveis entrevistados, embora todas configurações familiares pudessem trazer indagações interessantes à minha pesquisa. Nesse sentido, optei por entrevistar as famílias em que as crianças e pelo menos um dos pais também integrasse o grupo. Meu entendimento de pais e filhos, nessa pesquisa, envolveu as crianças do grupo de extensão que moram com os pais e que estes, o casal ou apenas um dos pais, fazem parte do grupo adulto.

O quadro abaixo apresenta os participantes, a profissão dos pais, data, duração e local da realização das entrevistas e a configuração familiar, que envolve o conjunto de pessoas que partilham do mesmo ambiente doméstico. Importante salientar que todos os participantes estão sendo reconhecidos por seus pseudônimos escolhidos, por eles, ao longo da pesquisa:

<b>Crianças do grupo Infanto-juvenil</b>	<b>Coiores, Sol e Estrelinha</b>	<b>Anna Júlia</b>	<b>Isabela</b>
<b>Pais entrevistados</b>	Zero e Colorida	Priscila	Heitor e Sophia
<b>Profissão</b>	Mecânico e Professora	Artesão e Eletricista (pai)	Professor e Professora
<b>Data da Entrevista</b>	24 agosto 2017	26 setembro 2017	19 outubro 2017
<b>Duração da Entrevista</b>	01h e 06min	28min	32min
<b>Local da Entrevista</b>	Casa da Família	Casa da Avó	Local de Trabalho dos Pais
<b>Configuração familiar e ambiente doméstico</b>	Pai, mãe, filho (somente do pai), filha, duas sobrinhas e dois gatos.	Avó, neta e cachorro.  Pai, mãe, irmã e bisavô.	Pai, mãe e filha.

A família de Zero e Colorida é formada pela filha do casal, Cores, duas sobrinhas que moram na casa e frequentam o grupo e o filho de Zero que não é participante do grupo de extensão. No dia de nossa entrevista, soube que as meninas moravam com a Colorida há dois anos e frequentavam o grupo. Durante a entrevista, o casal se refere às três meninas como se todas fossem filhas, pois as duas sobrinhas também fazem parte da família.

A configuração familiar e ambiente doméstico da Priscila se divide em duas casas: a da mãe da Anna Júlia e a da avó da Anna Júlia. A Anna Júlia, filha de Priscila, mora com a avó desde que nasceu. Importante explicar que quando a mãe da Anna Júlia teve sua própria casa a filha quis ficar na casa da avó, que é a duas quadras da casa da mãe. No ambiente doméstico de Priscila mora seu esposo, a filha mais nova do casal, irmã da Anna Júlia e o bisavô.

Finalmente, nesta apresentação das famílias, o casal Heitor e Sophia residem com a filha Isabela.

Compreendendo a família conforme Costa (2009) propõe, baseada não mais em “modelos”, mas sim “dinâmicas”, é possível compreender que a “família, na contemporaneidade, está escrita no plural, pelas diversas configurações que tem assumido e pelos fatores que nela estão presentes (classe social, questões étnicas, religiosas, opções políticas etc)” (COSTA, 2009, p. 368). Assim, procurei dialogar com estas “dinâmicas” de famílias, ao entrevistar pais e/ou mães que, juntamente com suas filhas, participam do grupo de práticas vocais coletivas. No entanto, a complexidade que envolve a configuração familiar vai além dos participantes do grupo de extensão que foram entrevistados.

Entendendo a família “como construção social”, conforme Saraceno (1997) apresentam em seu livro *Sociologia da Família*, a instituição família “revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, a partir da construção social dos acontecimentos e relações aparentemente mais naturais” (SARACENO, 1997 p. 12).

### **3 MOBILIZAÇÕES E MOTIVAÇÕES DAS FAMÍLIAS PARA PARTICIPAREM DO GRUPO DE EXTENSÃO**

Seguindo orientações qualitativas para um estudo sociológico com famílias, no contexto de aprendizagem musical de pais e filhos em um grupo de extensão da Universidade Federal do Pampa, algumas mobilizações para cantarem no grupo, expectativas e motivações foram discutidas. Nessa direção, as famílias entrevistadas veem o grupo como um novo espaço de socialização das crianças, além deste contribuir para a formação dos filhos de modo mais amplo, refletindo em outros espaços de formação, como veremos a seguir.

#### **3.1 Mobilizações para cantarem no grupo: logísticas e motivações**

As famílias entrevistadas relataram como tiveram conhecimento do grupo de práticas vocais coletivas. Colorida, mãe de Cores, que também cuida de duas sobrinhas que partilham o mesmo ambiente doméstico e que integram o grupo infanto-juvenil, soube pela própria irmã que já cantava no grupo, e que era a responsável por levar as meninas para alguns ensaios. Em 2017, as meninas e a mãe entraram definitivamente para o grupo, conforme relato abaixo:

Eu fiquei sabendo pela minha irmã que já tinha participado, sem ser o semestre passado, no outro, e eu não sei como ela ficou sabendo. Mas aí ela convidou, ela já tinha convidado o ano passado [2016] e aí as gurias chegaram a ir um tempinho assim, pouco, e aí depois elas foram..., elas pararam, não foram até o final. E aí esse ano aí deu certo, assim, pra gente ir todas (Colorida, mãe entrevistada em 24 agosto 2017).

Priscila, que entrou no grupo em 2017/2, soube através de sua mãe que fazia uma Pós-graduação na Universidade Federal do Pampa e quem contou sobre a existência do grupo. A filha de Priscila ingressou um pouco antes, em 2017/1. Já a família de Heitor e Sophia participou de um Curso de Extensão - “Música na Escola”, no campus Bagé e Heitor, que era aluno do curso de graduação em música, logo soube da formação do grupo de práticas vocais. Nessa época, em 2016/1, ainda não existia o grupo infanto-juvenil e a filha Isabela participava apenas acompanhando os

pais nos ensaios, familiarizando-se com o grupo. Em 2016/2, Isabela entrou para o grupo junto com os pais.

Tinha uma outra menina que ia com a mãe, às vezes, e a Isabela também, às vezes a gente levava ela. Só que ela ficava lá sentada, brincando, jogando, só que aí ela também, como a outra menina, iam aprendendo as músicas, não é, e aí no outro semestre já abriu lá para o infante e aí ela entrou também (Heitor, pai entrevistado em 19 outubro 2017).

### Rotina e organização de horários no dia do ensaio: logística das famílias

O dia dos ensaios do grupo de práticas vocais, sempre às quartas-feiras, foi apontado pelas famílias entrevistadas como um dia “bem corrido”. A família de Colorida, por exemplo, tem três meninas para se arrumarem. Segundo o pai, se elas não se organizarem, elas se atrasam. Na família da Priscila, a filha estuda em turno integral, ou seja, a Anna Júlia precisa chegar da escola, se arrumar, pegar a colega Ana Laura e seguir para a UNIPAMPA com a mãe.

Os pais de Isabela contaram que precisam se organizar para o tempo de todas as atividades ao longo do dia não atrapalharem o horário do grupo, porque quarta-feira, segundo eles, é o dia mais corrido da semana, exemplificado na rotina abaixo:

Heitor: A Sophia dá aula de manhã na escola que é perto da nossa casa. A Isabela tem aula de musicalização comigo aqui no IMBA, então nós saímos juntos, aí voltamos para casa, almoçamos, ela vai para escola, eu vou dar aula, a Sophia vem dar aula aqui no IMBA, aí eu pego a Isabela na escola, deixo ela aqui, saio para dar uma outra aula particular. Volto, pego as duas, a Sophia sai às 19 horas e nós vamos direto para o grupo no ensaio.

Sophia: É uma maratona (risos)!

(Heitor e Sophia, pais entrevistados em 19 outubro 2017)

### Motivações para participarem do grupo de práticas vocais

As motivações relatadas pelos pais entrevistados envolveram a compreensão do quanto a música é importante para a formação de seus filhos, do quanto gostam de cantar e, além disso, para “unir o útil ao agradável”, pela possibilidade que a música tem no desenvolvimento cognitivo das crianças.

Colorida relaciona a importância da música na vida dela e do esposo, pois faz lembrar “de épocas, assim, da vida da gente relacionadas à música”. Assim como no trabalho de Torres (2009), é uma identidade musical lembrada e narrada, entremeada

com as memórias, os fatos, os locais, as pessoas e os sentimentos (TORRES, 2009, p. 238).

Sophia e Heitor sempre gostaram de cantar, porém havia certo receio por parte da mãe de Isabela em participar de um coro porque todos os grupos já tinham uma rotina e ela tinha um pouco de medo porque seria nova no grupo. Quando surgiu a oportunidade de entrar para um grupo que estava iniciando sentiu-se animada com a ideia pois, “quando tem uma oportunidade de estar em um grupo que está começando e tu começar junto com o grupo, é diferente”. Heitor também justifica sua motivação e motivos para estarem juntos, em família, no grupo:

Eu cantava na faculdade, no coral, e sempre quis porque é uma coisa que eu gosto, né, eu sempre gostei de cantar e aí aproveitei para incentivar a Sophia também, porque em casa ela cantava, mas aí ficava com um pouco de receio de cantar. E a Isabela também, a Isabela desde criança..., criança, criança ela é, não é. Ela gosta de cantar em casa e ela então gosta de cantar, então foi natural para ela (Heitor, entrevistado em 19 outubro 2017).

Priscila compreende a importância do grupo de extensão no resgate de práticas musicais há algum tempo esquecidas e também para ajudar nas atividades de canto que a filha Anna Júlia precisa desenvolver no CTG, conforme especifica:

Foi para ela [a filha] ir treinando, e eu resolvi entrar esse ano porque eu sempre gostei, como eu fazia coral desde adolescente; e, justamente, para unir o útil ao agradável. Para levar ela, não ficar lá duas horas parada, nem voltar. Aí eu digo: ‘Ah, então quem sabe eu não volto para o coral, como eu era antes?’ (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

Especificamente sobre a atuação da filha no CTG, Priscila justifica que a menina “é prenda e ela concorre, ela canta ou declama, mas ela não gosta de declamar, ela gosta de cantar”. Anna Júlia já teve aulas de canto e a família “resolveu colocar ela no coral, para ela ir treinando também a voz e colocar a respiração no lugar, tudo isso pra auxiliar ela nos concursos de prenda também”.

### 3.2 Expectativas das famílias sobre os ensaios

Em relação às expectativas das famílias para os ensaios, foi considerada a importância da interação dos filhos com os pais, pelo fato de acreditarem que a música pode servir como uma importante ferramenta de expressão e de melhor posicionamento frente à sociedade. Também, o momento do ensaio foi apontado como uma “descontração” para a convivência em família.

Conforme Priscila relatou, o momento do ensaio envolve uma relação a mais que pais e filhos criam juntos. Além disso, falou do momento em que estes pais são referências para os filhos, conforme exemplificado em sua fala:

Eu acho assim, ó, eu acho muito legal. Eu acho uma coisa muito diferente, eu adoro quando as crianças fazem parte, junto com os adultos, sabe, tipo agora mesmo que tem aquela música que as crianças vão lá fazer a batida dos copos. Eu acho que é uma integração, sabe, eu acho muito importante para a criança quanto para a gente que está ali. A gente está sendo um espelho para eles, e eles estão ali se divertindo e estão junto com os pais. É um ambiente saudável, eu acho que está ficando muito legal (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

Colorida não tinha exatamente “uma expectativa”, mas considera que “é muito bom estar lá, (...) é como se fosse uma terapia, assim, então é agradável, é divertido”. O pai das meninas, segundo ela, considera importante porque “envolve essa parte corporal, essa parte de expressão, essa parte, assim, de cultura”. Nessa direção, conforme Setton discute no subcapítulo “Cultura e socialização na contemporaneidade”, podemos entender “que o sentido da noção de cultura pretende alcançar o entendimento do cultivo da mente humana, remetendo à ideia de cuidado, atenção e esforço de um ser em processo de desenvolvimento” (SETTON, 2015, p. 15).

Zero e Colorida consideram a importância de o grupo trabalhar a parte cognitiva e expressiva das crianças, exemplificando que uma das filhas é um pouco tímida e, estar ali, ajuda nessa parte do desenvolvimento:

Zero: Então por isso que até essa ida dela junto fica como que uma referência, assim de: ‘ah, ela tá indo assim nessa coisa de cantar... ah, a mamãe também tá indo’. Então acho que é uma coisa importante. E aí até pra essa coisa toda, assim, como é que tu falou, assim, de expectativa, essa coisa toda... é interessante que passou uma época, assim, que elas estavam ‘ah, o Coral’ [no sentido de não estarem querendo ir]; aí elas foram.

Colorida: É, e agora elas vem cantando, não é. Claro que às vezes dá uma preguiçinha, assim, 'ah, vou ficar em casa...', mas aí elas voltam cantando, estão fazendo uma coisa que eu sei que pro desenvolvimento delas é muito bom (Zero: Ah é, é muito importante isso aí), e cantar é bem importante.

(Zero e Colorida, pais entrevistados em 24 agosto 2017).

Colorida também lembrou, ao longo da entrevista, que reaprendeu a respirar corretamente e a cuidar de sua postura que, segundo ela, é uma “má postura”, valorizando esses cuidados junto a seu esposo pois “são coisas que às vezes ninguém te lembra”:

Porque tu trabalha essa questão da postura, da presença, do tom de voz pra tu falar e acredito que essa questão, pra uma criança eu acho importante essa questão da formação, porque é pra confiança, pra segurança, pra saber como ela vai saber falar, para não ficar naquela coisa de... [fica balbuciando baixinho], e eu acho importante isso aí. (Zero, pai entrevistado em 24 agosto 2017).

Os pais da menina Isabela, Sophia e Heitor, consideram o ensaio como o momento da família relaxar, de aprender de uma forma tranquila pois, embora sejam envolvidos com música, consideram o ambiente do ensaio acolhedor. A família conta um pouco das expectativas para eles e para a filha:

Sophia: Eu me permito errar, lá é o meu lugar de relaxar, assim, deixar um pouco. Então a expectativa é de aprendizado, mas também é um local que me traz um certo, uma descontração, um relaxamento, uma fuga da rotina, assim, do dia-a-dia, da cobrança. Não que eu não me cobre quando eu estou lá, mas eu posso errar, é diferente.

Heitor: É descontraído mesmo.

Sophia: Sim, a gente conversa.

Heitor: Sim, e dá risada! (...) e a expectativa principal acho que não é musical, assim, de que tem um produto, que tem que ensaiar, que tem que sair perfeito. A mesma coisa para a Isabela a ideia é que ela, que ela (Sophia: Esteja lá), que ela vivencie muita coisa, não é, e ela gosta de música, então que ela vivencie estar com outras crianças e cante e faça uma coisa que ela gosta. Nós é a mesma coisa. Mesmo pra... (Sophia: Sim. Não, a gente até quer um produto musical legal), mas não é um objetivo principal.

Sophia: Não é aquela rigidez.

Heitor: É, a gente vai para descontrair mesmo.

(Heitor e Sophia, pais entrevistados em 19 outubro 2017).

### Experiências marcantes enquanto pais e filhos cantando no mesmo grupo

A mãe Colorida diz não lembrar de apenas uma experiência, mas considera cada um dos seus aprendizados ganhos no grupo como experiências significativas,

tanto para ela como para as filhas: “(...) são momentos que eu tenho lá que me fazem, assim, são bons assim para mim, que me diverte e me faz bem. Não sei um bem específico assim para te dizer. (...) Mas é bom que são mais de um, não é ‘um’ assim” (Colorida, entrevistada em 24 agosto 2017).

Já Priscila demarcou uma experiência marcante quando o grupo infanto-juvenil foi ensaiar uma música com o grupo dos adultos. Para ela, esse momento marcou pelo fato de compartilharem o mesmo espaço de aprendizagem, e recorda:

Eu acho que foi o dia dos copos. O dia dos copos para mim foi assim, eu achei aquilo ali a coisa mais encantadora, sabe..., que a gente estava ali todo mundo reunido, as crianças se divertindo, fazendo uma coisa bacana, e ficou uma coisa muito legal. Aquilo ali para mim ficou muito marcado, foi o dia dos copos. (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

A mãe de Isabela relembrou a primeira apresentação da filha com o grupo:

Ah, eu acho que a primeira vez que eu vi a Isabela se apresentar, eu me matei chorando. Foi muito bonitinho, não só a Isabela, mas todos eles, foi lá no auditório. Foi muito, muito legal. Eu fiquei muito emocionada (Sophia, entrevistada em 19 outubro 2017).

Já Heitor relatou sobre os primeiros ensaios, quando o grupo infanto-juvenil iniciou, considerando este momento marcante juntamente com a filha:

Porque no início a gente começava junto na mesma sala e aí depois separava. Aí nas primeiras mesmo não foi nem apresentação. Que aí elas [as crianças] separaram e foram ensaiar as músicas delas e aí no final do ensaio elas voltaram e já apresentaram a música que estavam ensaiando. (Sophia: Sim, foi lindo)! Sim, e aí ficou uma cara assim, não é, ficou todo mundo surpreso: ‘Bah, já está saindo!’ (Heitor, pai entrevistado em 19 outubro 2017).

Sobre o que mais gostam dos ensaios do grupo de práticas vocais e sugestões

A família de Colorida considera “como é bonito o conjunto, como é bonita a mistura de vozes”, valorizando o grupo vocal como um todo. Ela diz que não poderia olhar e falar o que deveria melhorar, mas que acha o trabalho desenvolvido muito organizado.

Priscila fala um pouco do prazer em “estar lá”, justificando que o ensaio “não é cansativo, não é maçante, a gente dá risada, a gente se diverte” e, como sugestão, ela diz que “está no caminho”, que “não mudaria nada”. Nessa direção, os pais Heitor e Sophia trouxeram suas percepções sobre a dinâmica dos ensaios e de todos do grupo estarem juntos e conseguirem fazer as atividades propostas:

Heitor: Uma coisa que eu gosto, que eu gosto bastante assim é da dinâmica dos ensaios, porque não é uma coisa muito rígida e acho que é por isso até que os que ficam, não é, o geral assim que não é muito rígido, é bem leve, todo mundo consegue fazer.

Sophia: Todo mundo consegue fazer tudo!

Heitor: É, e a forma é leve e se tem alguém que quer falar uma coisa, aí às vezes faz uma piada de alguma coisa. É bem descontraído e a gente consegue, todo mundo começa a ver que está dando resultado e se concentra e sai, sai legal.

(Heitor e Sophia, pais entrevistados em 19 outubro 2017).

No entanto, na entrevista de Sophia apareceu uma preocupação que as pessoas, às vezes, começam a sair do grupo pois “vai diminuindo, assim”, curiosa sobre essa situação.

#### Primeiras apresentações musicais dentro do grupo

As famílias entrevistadas também foram motivadas a falarem um pouco sobre as apresentações musicais dentro do grupo, considerando importante o momento da apresentação. Priscila ainda não participou de apresentações, mas sempre esteve presente assistindo e prestigiando a filha. Sophia considera o momento de entrar no palco um pouco “tenso”, tecendo detalhes da primeira apresentação:

O primeiro foi tenso..., porque sair do ensaio e ir para a apresentação não é bem assim. (...) Era de tarde, eu lembro que abriram as portas do auditório e um grupo entrou por dentro da universidade, e tem uma portinha que acho que é de emergência que fica para a rua. Aí um grupo entrou de cada lado, foi bem legal. Mas é tenso, assim, pesa a responsabilidade porque a gente tem que mostrar tudo que a gente fez no semestre. Foi bem legal, a gente cantou ‘Marinheiro’; eu não esqueço, foi a nossa primeira música em uma apresentação. Claro, acho que foi a nossa primeira música porque no primeiro ensaio a gente já começou (Sophia, mãe entrevistada em 19 outubro 2017).

Heitor conta que embora o grupo estivesse nervoso diante das apresentações, os aspectos musicais sempre foram satisfatórios porque, mesmo ansiosos, e talvez para alguns a primeira experiência de subir ao palco, eles cantavam o que havia sido ensaiado, lembrando especificamente de uma escola onde o grupo já se apresentou:

(...) acho que a mais legal foi a do colégio, acho que ano passado (Sophia: No semestre passado, lá no Peri Coronel), isso, e aí foi um ensaio aberto, não estava pronto tudo ainda, a gente estava ensaiando. Aí teve um convite, e muitas vezes foi assim também. Estava ensaiando e aí tem um convite para cantar tal dia, aí a gente tinha que terminar a música que estávamos ensaiando e não estava totalmente pronta, mas íamos e conseguíamos fazer

bem feito igual. O melhor possível. E foi um ensaio aberto, a gente ensaiou lá, fez tudo. Claro, não foi exatamente como no ensaio, não é, as pessoas estavam vendo. A gente passava a música e era explicado, e aí foi mais didático assim, mas foi bem interessante (Heitor, pai entrevistado em 19 outubro 2017).

### 3.3 Estar junto cantando no mesmo grupo: “e aí, o que aconteceu no teu ensaio”?

(...) *“a gente tá passando pelas mesmas coisas, tá fazendo a mesma coisa... então isso é bom”!*

(Colorida, mãe entrevistada).

Envolvidas pela curiosidade e pelo interesse do que as crianças aprenderam no ensaio específico do seu grupo, as famílias entrevistadas falaram um pouco como é estarem juntos, cantando no mesmo contexto. Foi considerada a importância de vivenciarem aprendizagens semelhantes, terem mais tempo juntos, trocarem experiências, acompanharem o desenvolvimento dos filhos.

Os pais de Cores, Sol e Estrelinha falaram da importância em viver uma experiência de aprendizagem junto com as meninas. Embora o pai não faça parte do grupo, relatou sobre a experiência de aprendizagem que a mãe e as crianças vivem no grupo:

Meio que nivela um pouco, não é, não fica aquela coisa assim que parece que tu está sempre na frente, na obrigação de saber tudo, não. (...) Assim como elas estão aprendendo, ela [a mãe] também está. Tem tons que ela [a mãe] pode não saber trabalhar, mas que há pouco ela [alguma das filhas] conseguiu fazer e ela ainda não conseguiu, mas isso é uma coisa que não quer dizer que ela é menos ou mais, não é isso aí, é uma coisa que vem do aprendizado (Zero, pai entrevistado em 24 agosto 2017).

Priscila relatou as trocas de experiências que tem com a filha, pois agora que ela também faz parte do grupo ficam “fazendo [as músicas do grupo], e ela [a filha] tenta me ensinar o jogo dos copos, ela ensina para a irmãzinha dela de quatro anos o jogo dos copos, o que é muito legal. Então eu acho que é muito legal, assim, a gente consegue trocar ideias”.

Sophia acha importante porque “é um momento que a gente pode acompanhar”, e compara a experiência do grupo com a escola, dizendo que ali no

grupo de extensão eles enxergam e vivenciam as experiências da filha, o que oportuniza observar “os ganhos mais de perto”.

Priscila, mãe entrevistada, exemplifica, na prática, o que significa ficar mais tempo junto com a filha:

Priscila: (...) antes quando estava só ela no grupo, ela fazia assim, ela cantava, aí tentava ensinar a gente. Principalmente aquelas musiquinhas que são, tem um nome que agora eu não me lembro...

Rayssa: Os cânones?

Priscila: Isso, e ela tentava ensinar a gente, a gente não conseguia aprender e era muito engraçado. Aí agora que a gente entrou, que eu entrei, no caso, então a gente fica fazendo, e ela tenta me ensinar o jogo dos copos, ela ensina para a irmãzinha dela de quatro anos o jogo dos copos, o que é muito legal. Então eu acho que é muito legal, assim, a gente consegue trocar ideias. Ela sabe muitas músicas do grupo adulto, inclusive, que para ela, ela acha legal, porque ela gosta muito de música popular brasileira. Ela adora, e (...) com a função de eu estar lá, ela também pode cantar essas outras músicas (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

Contribuições dessa aprendizagem musical para a família construída nos ensaios e apresentações do grupo

As falas dos pais também revelaram contribuições das experiências de aprendizagens musicais construídas nos ensaios e apresentações para a família. Colorida aponta para o momento em que ela e as filhas podem “fazer algo juntas”, apoiada pelo pai das meninas que considera importante as relações que são criadas, indo além do uso das mídias e que contribuem para uma “postura na sociedade”, trabalhando a “confiança” em si mesmos:

Por isso eu digo dessa questão da confiança, porque tu fazer isso, você trabalhar numa criança, nove anos, cinco, depois dá toda uma diferença pra depois essa postura na sociedade, assim. (...) isso que eu acho que é uma coisa importante, essa coisa aí da música, essa coisa que elas estão fazendo assim de justamente de trabalhar, de se expor e mostrar assim justamente o que? O potencial não é, pessoas que sabem trabalhar isso aí, que podem tirar até mais do que até elas acho que poderiam fazer! (Zero, pai entrevistado em 24 agosto 2017).

Os desafios impostos em um trabalho coletivo, juntando diferentes gerações, oferece aprendizagens que equilibram uma preocupação dos pais em relação ao uso das mídias. No grupo, é imprescindível a interação entre pessoas, de modo a trazer os participantes para o mundo “real”, conforme Zero explica:

É uma coisa interessante se tu for parar pra avaliar que é assim, ó: hoje com a realidade que nós temos, que as pessoas tão tudo assim com essa coisa de... [finge mexer no celular], tu tem uma tendência das pessoas serem mais individualistas, tu não tem essa... e esse negócio da música eu acho interessante, porque é o seguinte: ele propicia uma possibilidade de você interagir com as pessoas, você trabalhar com isso aí e você trazer esse contexto mais pro real, sair um pouco desse mundo virtual. Porque é muito fácil você olhar e 'Ah, que legal, ah, que bonito', sim; mas você se expor, você aparecer lá, você cantar, você..., isso aí é diferente de você aparecer em um vídeo. 'Ah, o cara vê um vídeo, postei lá e um milhão de pessoas lá curtiram', não; outra coisa é você ficar lá, um monte de pessoas te aplaudindo! (Zero, pai entrevistado em 24 agosto 2017).

Empolgado com a questão das relações familiares construídas, além das com o grupo de amigos, Zero traça um paralelo com o Facebook<sup>7</sup> dizendo que uma coisa é *"ah, eu tenho 50 mil amigos, bah, que legal"*, o que "não é a mesma coisa de você estar num grupo onde as pessoas riem junto", demonstrando enfaticamente por quais motivos "esse trabalho em grupo é uma coisa importante, porque ele resgata uma coisa que tá aos poucos se perdendo com o passar do tempo". No entanto, pondera que não é "que seja uma coisa ruim, mas que é importante sim manter sempre vivo isso aí, porque você precisa disso na interação familiar, essa coisa de relação", em que a música contribui para alargar as aprendizagens sociais:

Como a gente já viu situações até de pessoas, por aí, em que as pessoas chegaram e tipo assim: *'Ó, a mãe estava conversando com a filha, no quarto, através do celular'*. Tchê, mas moram na mesma casa e é essa coisa aí que tu tem que resgatar pra dentro, porque isso vai refletir no resto todo. Por isso que a música entra nesse processo aí (Zero, pai entrevistado em 24 agosto 2017).

Podemos perceber a preocupação de Zero quanto ao avanço das mídias nas relações familiares e seu uso em excesso, apontado também por outros pais entrevistados. Nesta direção, Souza (2009, p. 9) lembra que "as mídias tornaram-se mais flexíveis, multifuncionais e acessíveis, ou seja, elas perderam o caráter estático e de monopólio, como o controle dos pais, e passaram a permitir o uso individual e o controle ilimitado".

Nessa mesma linha de pensamento, Priscila fala sobre os momentos em que pode conversar sobre música com a filha e trocarem experiências. Ela fala que, embora faça já um tempo que ela não canta, ainda assim pode ajudar a filha:

---

<sup>7</sup> Facebook é uma rede social, lançada em 2004, criada por Mark Zuckerberg e seus colegas de faculdade. Em 2012, o Facebook alcançou 1 bilhão de usuários da rede, sendo considerada uma das maiores redes sociais no mundo, até o momento.

Eu, faz muito tempo que eu não canto, mas de repente alguma coisa que eu consiga, que nem a respiração, era uma coisa que ela não conseguia, aí eu disse para ela: *'Olha, quem sabe a gente faz assim... Tenta, não é?'* Então eu acho que é isso, a gente vai se aproximando, estando junto a gente vai se aproximando. (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

Além de cantar no grupo infanto-juvenil, a filha de Priscila também “está fazendo aula de violão” que, conforme relatado pela mãe, “tem ajudado bastante até para ela ouvir o tempo da música, as coisas certas da música”. Revelando aprendizagens musicais em família, Priscila apresenta um momento de socialização musical proporcionado pela interação entre pai e filha:

O meu marido toca violão, então ela puxou um pouco mais do gosto por tocar, por cantar. Eu acho que é isso, a gente interage um pouco com ela, onde a gente fica mais tempo com ela, sabe. Ela chega do violão, por exemplo, e vai correndo para o pai dela: *'Pai eu aprendi uma música nova!'*, aí ele senta com ela, toca violão com ela, vê o que ela aprendeu, vê o que ela pode melhorar, sabe? (Priscila, entrevistada em 26 setembro 2017).

Os pais de Isabela ressaltaram que a família sempre teve o costume de cantar em casa e, antes da menina entrar para o grupo infanto-juvenil, já cantavam as músicas do grupo em casa, considerando este um momento que une a família. Nessa direção, conforme Bozzetto (2012, p. 31), “o indivíduo não tem, senão, características próprias de personalidade, mas é um indivíduo moldado por forças sociais e daqueles com quem convive na vida cotidiana”.

Ambos falaram sobre a nova dinâmica de ensaios durante os semestres de 2017, que as crianças já vão para salas diferentes, onde elas estudam o seu repertório<sup>8</sup> e o grupo adulto o deles. Mesmo assim, procuram saber e se envolver nas aprendizagens da filha:

Heitor: Uma coisa assim, que do nada a gente estava cantando, não é, serve como uma coisa assim que une.

Sophia: Sim, com certeza porque é o estar junto.

Heitor: Sim, o estar junto e estar fazendo e a gente sai sempre cantando de lá, cada um a sua voz. E agora está mais dividido, desde o semestre passado

<sup>8</sup> Atualmente, o repertório musical desenvolvido no Grupo adulto envolve as seguintes peças musicais: - Canção da meia-noite (Zé Flávio, do grupo Os Almôndegas/ Adap. a 3 vozes mistas: Marcio Buzatto); - California Dreaming (Grupo The Mamas & The Papas/ Arr.: Mario Thürig); - Fome Come (Sandra Peres, Luiz Tatit e Paulo Tatit - Grupo Palavra Cantada/ Arr.: Gilberto Perissinotto). O repertório do Grupo infanto-juvenil compreende as músicas: - Canta, Maria! (Composição feita para o grupo: Niandra Lacerda); - Lavar as mãos (Arnaldo Antunes/ Arr.: Antoniel Martins: feito para o grupo); - Naquela Rua (Marcela Taís/ Transcrição: Jonadabe Muniz/ Arr.: Miriã Daneris).

o grupo infante não tem nenhuma música junto com o adulto, vai cada um para a sua sala, mas a gente sai e já pergunta “Tá, e aí, o que aconteceu no teu ensaio”? – “Ah, aprendemos isso”. – “E como é, como é a música?”, então a gente fica nesse lado, assim.

Sophia: Sim, agora é o momento de saber o que o outro fez e compartilhar, assim, estar junto, aprender junto, acho que é o maior bem disso.

(Heitor e Sophia, pais entrevistados em 19 outubro 2017).

## 4 PRÁTICAS EDUCATIVO-MUSICAIS EM FAMÍLIA

Este capítulo aborda as escutas musicais na rotina familiar e o trabalho ativo da família na construção do gosto musical dos filhos, como também as percepções dos pais quanto ao repertório do grupo e ensaios realizados em casa.

### 4.1 Escutas em família e no grupo: construção do gosto musical

Sobre as escutas musicais em família e no grupo de práticas vocais, as famílias entrevistadas relataram as músicas que escutam em casa, momentos de ensaios e suas percepções sobre o repertório musical do grupo de práticas vocais.

Colorida contou sobre os almoços em família, em que as meninas colocam músicas e se apresentam ou dançam. Eles lembram novamente que são esses momentos que contribuem para a formação das filhas, favorecendo a questão motora, possibilitando se expressarem através da música e também da dança.

Heitor fala um pouco sobre as experiências que troca com a filha quando ela pede ajuda em alguma música, seja na melodia ou em algum trecho musical:

A Isabela é assim também, às vezes ela diz: *'Pai, eu não estou sabendo direito a melodia dessa parte da música'*, aí ela canta e aí quando vê é a melodia principal, aí eu conheço, aí eu ajudo ela. Ela fica, às vezes, ela diz, como é que ela diz: *'Pai, será que essa música é nesse tom ou nesse?'*, aí ela canta mais agudo, *'Como é que fica melhor?'*, aí ela canta mais grave, *'Ah, não sei como é no original, mas acho que está soando melhor assim'*. Entende, ela fica se experimentando, entendeu? (Heitor, pai entrevistado em 19 outubro 2017).

#### *Ensaio das músicas*

Os depoimentos revelaram práticas educativo-musicais em família, desde ensaiar “no carro” até ficar em casa cantando, não necessariamente com o objetivo de ensaiar mas de maneira mais “informal”. As famílias de Heitor e a família de Colorida não consideram um ensaio em casa, mas um momento onde as filhas vem cantando ou cantam no meio da semana. Colorida não define como “um ensaio, é mais acho que o que ficou na cabeça”.

Sophia e Heitor dizem que “informalmente” ensaiam, mas “não assim: ‘*Vamos ensaiar as músicas do grupo*’, mas a gente canta e aí vê que algo está errado”, com a intenção de recordar o que aprenderam. Conforme Sophia, “Os vizinhos que aguentem as nossas relações [risos com o marido], é assim que acontece a coisa lá em casa”!

Para a família de Priscila existe o momento de ensaio “no carro” ou “em casa”, acrescentando ainda que a filha fica treinando a batida dos copos, que acontece em uma das músicas do grupo infanto-juvenil, até “na hora do almoço”. Priscila fala sobre a organização da família para ter um momento juntos e fazer música, trocar experiências e aprendizagens:

Em casa então é isso, o que eles tocam no violão juntos, os dois [pai e filha]. A gente canta junto com ele [pai], porque ele não canta, aí a gente canta com ele. A pequena [irmã mais nova, que não faz parte do grupo] também, já está entrando no mesmo ritmo, que ela tem o violãozinho pequeno e ela bate aquele violão para tudo que é lado. E é isso, a gente está sempre tentando estar junto, para cantar e ter um momento. Porque se depender da Anna Júlia ela canta o tempo inteiro, desde a hora que ela acorda até quando ela deita. [...] E aí a gente procura fazer isso, a hora que ela chega do violão, a hora que ela vai cantar uma música, a gente canta junto, a gente senta na sala, ficam todos juntos para cantar, pra escutar. Tem vídeos dela gravando, tem vídeo da irmãzinha dela cantando também (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

A seguir, recorro a um momento em que, durante o período de observações dos ensaios e registros nos diários de campo, pude observar o pai de Isabela entrando na sala em que ela estava ensaiando, dividindo aprendizagens com a filha enquanto integrantes do mesmo grupo:

A Isabela pediu para que os pais entrassem para ver a batida no copo que ela já estava fazendo. A mãe dela observou com muita atenção e disse que estava lindo, já o pai Heitor pegou o copo e começou a fazer bem rápido, e a Isabela disse: ‘*Ah pai, é a minha vez agora*’. Eles riram e falaram que iriam treinar em casa e que, no próximo ensaio, ela estaria ‘*craque*’. (Diário de Campo, 26 abril 2017)

### *Sobre o repertório musical trabalhado no grupo*

Em relação ao trabalho desenvolvido no grupo, as famílias compartilham o gosto pelas músicas trabalhadas e consideram o repertório diverso e “adequado para as crianças”. Sophia fala um pouco sobre o repertório e lembra de sua preocupação com o que a filha canta ou escuta:

Eu gosto, gosto bastante do repertório, assim, acho que é bem adequado para as crianças, para a idade delas. Eu me preocupo, às vezes, com o

conteúdo oral das músicas, assim, e acho que são todas muito boas, não tem o que falar. A sugestão é que acho que siga nesse caminho porque é o melhor para elas (Sophia, mãe entrevistada em 19 outubro 2017).

Colorida diz que a expectativa de uma música nova é um momento que ela não trocaria pela sugestão de um repertório musical específico:

Eu gosto do repertório porque traz, assim, músicas que tu não tava esperando. Eu acho que isso que é bom, se de repente eu disser: '*Ah, eu quero essa, essa, é uma música que eu quero*', quer dizer, então, o novo, ele é interessante, é o que eu não espero. Uma música que vai ser trabalhada, eu prefiro assim (Colorida, mãe entrevistada em 24 agosto 2017).

Priscila também conta que gosta do repertório trabalhado e acha interessante porque "são diferentes", além de falar um pouco sobre a relação de professores e componentes do grupo:

Como que eu vou te dizer, não abrange só um tipo de música. Abrange vários, são diferentes, são legais, assim como têm as músicas de outras línguas, isso é bem interessante. Eu mesma que não falo nada em inglês, a gente tem uma música no grupo que ela é em inglês. Tu está aprendendo ali, está todo o dia, não todos os dias, mas na quarta-feira tu está ali, e está aprendendo e está focada naquilo ali. As gurias mesmo, que são as profes, (...) elas dão uma abertura para que a gente possa chegar e falar: '*Olha, quem sabe a gente faz essa música, quem sabe a gente retoma tal música?...*' Pelo que eu tenho visto, claro, eu recém entrei, mas pelo que vejo é assim (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

Priscila lembra que sempre escutou música com a avó e com a mãe, e que deseja que a filha escute as músicas que elas escutavam, mostrando sua preocupação com o conteúdo das mesmas. Mais que isso, almeja apresentar referenciais musicais que possam ir além do que "todo mundo ouve":

(...) quando eu era pequena, a minha avó sempre escutou Elis Regina, e eu cresci escutando Elis Regina. E a minha mãe escutava Legião Urbana, e eu cresci escutando esses dois, para mim era uma coisa assim: '*Ah, Elis! Ah, Legião Urbana!*', porque hoje a gente vê que os adolescentes, [...] eles não gostam desse tipo de música, eles gostam de outros tipos de música. Então enquanto eu puder trazer a Anna Júlia para esse lado, para que ela goste dessas músicas porque não fazem apologia à sexualidade, não fazem apologia ao crime, sabe, eu vou trazer. Que ela sente e escute uma Elis Regina, que ela sente, escute um Djavan, porque é o que ela gosta e aí vem do exemplo de casa, como eu estava te falando (Priscila, entrevistada em 26 setembro 2017).

Considero importante ressaltar minhas percepções deste subcapítulo, em que podemos atentar para o trabalho pedagógico das famílias, muitas vezes sutil e minucioso, na construção do gosto musical dos filhos. Costa (2009) lembra que:

A família é apreendida como um conjunto de relações cuja forma e conteúdo contribuem para construção da identidade pessoal. As trocas – quer sejam nas relações conjugais, nos laços de filiação ou nos contatos com o parentesco – tornam-se, desse modo, objetivo privilegiado de atenção (COSTA, 2009, p. 360).

A mãe revela o gosto musical da filha Anna Júlia, desvelando também suas próprias escolhas e processos educativos presentes na construção dos referenciais musicais da menina. Priscila tem consciência que a família “procura selecionar aquilo que ela vai olhar” na televisão, por exemplo, assim como a ideia é “trazer ela para esse meio, para o meio que a gente gosta, para o meio que é mais bacana”. A seguir, a mãe justifica esse trabalho pedagógico da família:

Não que a gente não fale para ela a realidade, eu falo, eu falo para ela sobre drogas, sobre sexo; falo. Eu tenho uma relação bem aberta com ela, porque está logo ali, não é. Como eu digo, se eu não falar o colega da esquina vai falar, mas a gente sempre procura trazer ela para esse meio, para o meio que a gente gosta, para o meio que é mais bacana (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

A mãe de Anna Júlia revela que para algumas crianças o gosto musical da filha “possa parecer estranho: ‘Ah, mas como é que tu pode gostar de Djavan, um cara tri velho’”, porém salienta que a filha também escuta outros cantores como Anitta, mas “ela escuta Djavan, ela gosta de Elis, ela gosta dessas músicas mais antigas”.

Os depoimentos revelaram que há uma preocupação de os pais transmitirem um legado cultural às crianças, para que conheçam o que, para eles, é uma referência musical significativa, músicas que “marcaram assim uma vida” e que seguem tão atuais “como na época pra gente” (Zero, pai entrevistado).

## 4.2 Educação musical em família: escutas cotidianas

Sobre escutar música no carro, no caminho para a escola ou para o ensaio, os pais revelaram músicas ou programas que costumam ouvir ou assistir juntos, e também as músicas das mídias.

Na casa de Priscila o rádio está “sempre, sempre, sempre” ligado. Também escutam música no carro, em que as músicas do CTG foram citadas com veemência. A mãe discorreu também sobre o gosto musical da filha e como ela gosta de ouvir música popular brasileira, detalhando momentos do cotidiano musical em casa:

O rádio está sempre ligado, 24 horas por dia, no carro a gente escuta. A Anna Júlia gosta muito de música popular brasileira, ela adora. Com a função do CTG a gente escuta muito música gaúcha também. Não temos o habito de escutar funk, essas músicas mais, claro que ela sabe porque toca todo o dia, mas a gente não tem esse habito. O nosso habito é escutar música popular brasileira, tanto que se tu perguntar para ela, ela vai te dizer uma coleção. Porque ela adora, Djavan, ela adora, tem paixão. E a música gaúcha que é o nosso cotidiano, a gente vive dentro do CTG, a gente respira o ar do CTG. Então é o que a gente escuta durante o resto do ano, todos os dias, é isso aí. Desde que a Anna Júlia tinha três anos (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

A família de Colorida conta que escutam as rádios da cidade ou quando fazem alguma viagem mais longa recorrem às músicas do pendrive de Zero, o pai. Geralmente escutam músicas como MPB, Pop ou Rock. Zero considera que as rádios deveriam oferecer diferentes tipos de música porque eles vem de uma época em que ouviam muita música e classifica essas experiências como se fossem “um índice, referencial para momentos (...), um *link* da parte emocional que tu tem, que tu lembra”. Colorida acrescenta:

(...) o Zero é assim: ‘Ah, essa música é de 1983, eu me lembro do tempo que eu pegava o ônibus e ia trabalhar’, ele lembra o ano da música, eu não. Mas assim como..., como ela marca assim, como tu vê assim, quando tu escuta aquela música ela não é só a beleza da música, mas é um tempo que tu viveste! (Colorida, entrevistada em 26 setembro 2017).

Os pais de Isabela, Heitor e Sophia, não escutam rádio, mas comentaram que escutam música no carro com um pendrive de aproximadamente “cinco anos” e “são sempre as mesmas músicas”. Eles geralmente escutam MPB e músicas infantis, ressaltando que, em algumas vezes, a filha aparece com alguma música das mídias,

aprendida em outros espaços e contextos de socialização, que não o legitimado pelos pais. A seguir, os pais revelam o que escutam, trazendo também essas aprendizagens musicais da filha através das mídias e o movimento de repertórios musicais com os quais também precisam estar atentos:

Heitor: O que mais a gente escuta no carro é Palavra Cantada<sup>9</sup>, o que mais? Porque aí é uma coisa que todo mundo gosta, não só porque é música infantil, porque como ela disse a gente trabalha. Só que gostamos, porque às vezes eu estou sozinho e estou escutando Palavra Cantada, ou outro (Sophia: é, tem o Vinicius de Moraes) A arca de Noé, tem o do Toquinho para crianças e de música de adulto tem Los Hermanos, Maria Rita, Chico Buarque, bem eclética assim, tem Seu Jorge.

Sophia: Sim, mas é o que ela escuta também. Às vezes a gente fica surpreso com as músicas que ela vem assim, *'De onde é que tu tirou essa música? Pelo amor de Deus'*, mas aí a gente se dá conta que é a televisão, não é

(Heitor e Sophia, pais entrevistados em 19 outubro 2017).

Embora reconheçam que não são músicas que costumam escutar, Heitor e Sophia entendem que as músicas das mídias também fazem parte do mundo da filha e “que estão na moda”. Como a filha gosta de assistir televisão “e também das músicas infantis do Carrossel”, uma “das novelas do SBT que tem para as crianças”, os pais falaram que perguntam sobre as músicas “e aí ela nos ensina”.

Os exemplos trazidos pelos pais de processos educativos podem ser vistos em diversos espaços de socialização: a família, as mídias, o grupo de extensão em práticas vocais coletivas, dentre outros. Conforme Souza enfatiza:

Como ser social, os alunos não são iguais. Constroem-se nas vivências e nas experiências sociais em diferentes lugares, em casa, na igreja, nos bairros, escolas, e são construídos como sujeitos diferentes e diferenciados, no seu tempo-espaço. E nós, professores, não estamos diante de alunos iguais, mas jovens ou crianças que são singulares e heterogêneos socioculturalmente, e imersos na complexidade da vida humana. (SOUZA, 2004, p. 10).

Dentre questões abordadas nas entrevistas, perguntei se os pais e/ou os filhos estudavam música em algum outro lugar, solicitando que falassem um pouco sobre essa possível experiência de aprendizagem. A família de Colorida não realiza atividades musicais fora do grupo de extensão. Priscila, conforme já foi relatado,

---

<sup>9</sup> Palavra Cantada é um grupo musical liderado por Paulo Tatit e Sandra Peres. O grupo foi formado em 1994 e tem diversos álbuns e DVDs lançados, com foco em canções infantis.

contou que a filha estuda violão no IMBA e que o pai dela toca violão, explicando que a experiência de aprendizagem contribui para a filha melhorar os parâmetros rítmicos e, assim, dividirem momentos juntos.

Heitor, pai de Isabela, desde os quinze anos estuda música no IMBA. É formado em Licenciatura em Música na Universidade Federal do Pampa e participa de cursos de formação continuada. A filha Isabela faz aulas de musicalização no IMBA e, em 2018, deseja começar a estudar piano. A menina também participa do Coral Infantil do IMBA e faz aulas de Ballet e teatro.

Sophia estudou violoncelo durante dois anos, mas já faz aproximadamente uns seis anos que ela parou de tocar, recordando que sua última apresentação foi no dia da cesárea da filha.

## 5 PERSPECTIVAS SOBRE A FORMAÇÃO MUSICAL NO GRUPO DE EXTENSÃO

Este capítulo apresenta perspectivas das famílias sobre a formação musical no grupo de extensão, revelando percepções sobre a música na formação dos filhos e a experiência de estarem juntos aprendendo música. Também, compreende os objetivos das famílias e a perspectiva de continuidade no grupo de práticas vocais coletivas, trazendo algumas contribuições e sugestões para o trabalho.

### 5.1 A música na formação das crianças: aspectos sociais, educacionais e cognitivos

*(...) “ e isso é a música: é essa interação, é esse trabalho, ela permite isso aí, como se fosse uma ponte pra conseguir alcançar. Até onde eu acho, isso daí é uma coisa muito importante, assim, pra elas”*

*(Zero, pai entrevistado).*

As famílias, de modo geral, salientaram a importância da interação desenvolvida com as pessoas no grupo, a possibilidade de as crianças adquirirem mais segurança na formação delas como “como pessoas, como cidadãs, como ser” (Zero, pai entrevistado).

Porque eu acho que infelizmente elas estão um pouco carente hoje no mundo, de pessoas que tem, sabe, essa coisa que expressem e que não tenham medo de expressar a sua opinião, a sua visão sobre algumas coisas e isso é a música: é essa interação, é esse trabalho, ele permite isso aí, como se fosse uma ponte pra conseguir alcançar. Até onde eu acho, isso daí é uma coisa muito importante, assim, pra elas. Tanto que na minha visão, as escolas deveriam ter [música]. (Zero, pai entrevistado em 24 agosto 2017).

Sophia considera a música “essencial”, pois “estar trabalhando com o outro, saber ouvir” contribui para a formação da filha. A mãe relatou, também, que não necessariamente deseja que a filha “se torne uma musicista”, mas que esteja envolvida com a música. O pai, Heitor, discorreu sobre vivências da filha não só no grupo de extensão, mas em outras atividades, enfatizando algumas experiências que a música proporciona. Além disso, falou da confiança que deposita no trabalho desenvolvido no grupo:

Então tudo que ela fizer em relação à música vai ajudar, só de ela estar cantando lá [no grupo de práticas vocais coletivas], diferente daqui do coral do IMBA que começou agora, a gente só trabalha uma voz. A gente, esse ano por exemplo, tudo era trabalhado junto com o piano, mas eles cantavam uma voz, lá eles já cantam em duas vozes, e isso vai desenvolvendo a percepção harmônica e a parte rítmica também. E ela estava me falando hoje de manhã, não sei se tu ouviu, tu estava junto? (Sophia: Acho que não) (...) que ela estava pronta para vir para a aula de Ballet e aí ela disse: 'Como é bom fazer aula de Ballet e de musicalização também, porque ajuda!' Não, espera aí, como ela disse: '*Ajuda quem faz musicalização também, porque ajuda, porque às vezes eu estou na aula e tem que fazer o passo e aí eu sei, porque eu conto, e aí eu ouço e sei quando é que eu tenho que entrar na música, quando eu tenho que fazer o movimento. Porque algumas colegas ficam me olhando para ver como é que eu vou fazer, para saber quando tem que fazer!*' Aí ela mostrou um passo lá que ela tinha que fazer: '*Porque aí eu paro e ficou ouvindo a música para ver quando é que eu tenho que fazer*'. (...) Então isso ajuda no geral, não é, na percepção e na coordenação, tudo vai se desenvolvendo. Sem contar que o trabalho, a gente sabe que o trabalho é bem feito lá, é bem embasado tudo, então a gente tem segurança de deixar lá porque sabe que o que for feito, tudo vai ser bem benéfico (Heitor, pai entrevistado em 19 outubro 2017).

A família de Colorida considera a importância da música porque desenvolve aspectos “da interação, da segurança, da formação delas como pessoas, como cidadãs, como ser”, Zero fala um pouco sobre a falta da música nas escolas. Os pais ressaltaram que, além de desenvolver a nível cognitivo, a música também tem uma função terapêutica:

É, a música é uma coisa importante, todo o desenvolvimento, acho que é quase que uma terapia para as gurias também. Essa coisa (...) que te envolve a tua alma, te envolve o teu corpo, tu te expressa, solta um pouco ali talvez, um pouco das tuas, das coisas que de repente tu não está tão bem. E aí tu vai ali, canta que ameniza, que passa. Eu acho que isso é importante, e fora essa parte que eu acho, até que da parte intelectual, do teu desenvolvimento. Tu tem que parar ali, tu tem que seguir aqui, tu tem que... então tu trabalha ali, (...) que é pra teu desenvolvimento (Colorida, mãe entrevistada em 24 agosto 2017).

Alguns depoimentos reforçaram a música a serviço de outras áreas do conhecimento ou de outras atividades, conforme revelou a mãe de Anna Júlia, sobre o fato de a música “ajudar a filha no CTG”. Priscila contou que o sonho da menina é ser “prenda do Rio Grande do Sul” e considera que o grupo contribuiu muito para o desenvolvimento de sua voz:

Eu acho que foi muito bom pra Anna Júlia, ela sempre foi uma criança muito tímida quando era pequena. Apesar de vocês olharem hoje, quando ela era criança, ela era muito tímida. Até em relação à internada, ela tinha uma certa timidez para se apresentar, ela chorava, e conforme ela foi ficando maior ela

foi trabalhando e hoje ela é a Anna Júlia que vocês conhecem, ela fala na frente de todo mundo, ela canta na frente de todo mundo, para ela tem sido muito bom. Muito bom mesmo, porque ela tem juntado o útil ao agradável. Se tu perguntar para ela qual é o sonho da vida dela, ela vai te dizer que é ser prenda do Rio Grande do Sul. E aí ela precisa cantar, já que ela não gosta de declamar, ela tem que cantar. Então ela canta o dia inteiro, ela gosta de cantar, é aquilo que ela gosta de fazer. Ela está se soltando por isso (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

A mãe ainda especificou que, no CTG, as pessoas notaram a diferença na voz da filha “porque a voz dela está mais aberta, mais expansiva, até no tempo das palavras que ela corria e, agora, não”, relacionando que “deve ser o coral”.

### *Perspectivas para continuar nesse espaço de aprendizagem musical coletiva*

Sobre a perspectiva de continuidade do trabalho no grupo, seguindo nesse espaço de aprendizagem musical coletiva, todas as famílias ressaltaram que seu desejo é continuar. Algumas, porém, demonstraram preocupação a respeito do tempo que podem participar do grupo.

Colorida, que tem três meninas em casa, revela a rotina complicada, por exemplo, no inverno. Para ela, é um pouco difícil, porque quando uma está bem a outra está doente, enfatizando que, apesar de sua perspectiva de continuidade no grupo, é preciso “ter persistência pra seguir”.

Zero considera importante que as filhas continuem neste espaço de aprendizagem musical e, mesmo não participando do grupo adulto junto com sua esposa, trouxe suas opiniões a respeito de algumas questões, dentre elas o quanto o grupo poderia ser mais divulgado, ao mesmo tempo em que gostaria de compreender melhor quais são os objetivos do grupo:

Zero: (...) qual que é o foco do grupo? O quê que o grupo ele quer? Levar a música para todo mundo? (...) E tem um monte de potenciais assim distribuídos, prendido até num bairro, assim, numa vila, que nem sabem disso daí, não é.

Colorida: Podem ter até, dependendo dessa gurizada, até um preconceito: ‘Ah, cantar ali’, mas está mostrando tanta gente assim, tanta gente cantando e se tu prestar atenção é tão bonito. Será que é tão assim, sem valor, porque a gurizada se tu pegar, capaz de achar estranho.

Zero: Sim, mas é quase que hoje numa sociedade que a gente tem, uma parte do pessoal não tem voz: ‘Ah a gente não tem voz para reclamar’, mas sim, isso é um momento de você mostrar que você tem voz

(Zero e Colorida, pais entrevistados em 24 agosto 2017).

O que Zero pondera, com veemência, é que o grupo de práticas vocais tem uma função de deixar que a voz de seus participantes apareça não só no sentido de poderem cantar, mas sobretudo de colocarem suas ideias e opiniões.

Priscila não sabe quanto tempo pode ficar no grupo, “daqui a pouco começa a entrar um monte de gente e daí tem que sair uns para o ciclo se renovar”, mas conclui falando sobre a sua expectativa: “enquanto a gente puder estar lá a gente vai continuar”.

Heitor e Sophia contam que já pensaram em se afastar devido às atividades e “a rotina nesse dia principalmente” ser “mais puxado”, mas o ambiente e o “momento de descontração” impulsiona-os a estarem lá, conforme exemplificam:

*‘Bah, acho que nesse semestre não vou, não vou participar e tal’, mas a gente fica, assim, como a gente falou aquela hora, ‘é um momento de descontração também’, então é prazeroso estar lá no grupo. E enquanto a Isabela tiver indo também, que a gente vai junto. Às vezes a gente ficou de: ‘Ah, às vezes tu estás cansado’, como a gente falou, a rotina nesse dia principalmente é o mais puxado, a gente sai cedo e teve o ano passado a Isabela além de tudo que ela faz, que tem nesse ano, ano passado ela ainda tinha aula de ballet, tinha teatro também. (...) mas mesmo assim é prazeroso tudo, a gente gosta, então não tem, enquanto tiver o grupo lá, enquanto nos quiserem a gente está lá [risos] (Heitor, pai entrevistado em 19 outubro 2017).*

## 5.2 Objetivos da família com a prática musical coletiva no grupo

*(...) “Então tudo que eu posso fazer para ficar mais tempo junto com ela, para mim é melhor, inclusive estar lá cantando. Para mim é prazeroso porque eu gosto, mas também é prazeroso porque eu estou ali. É um momento meu e dela...”*

(Priscila, mãe entrevistada).

Dentre os objetivos da família com a prática musical em conjunto foi pontuado que cantarem no grupo é uma atividade que oportuniza um escape das mídias, um tempo a mais com os filhos, um espaço de socialização, um meio de ser um cidadão “melhor para o mundo”.

Colorida não sabe definir os objetivos, mas considera que estar ali é algo positivo para as filhas e para ela também. É uma atividade que faz você “se soltar”,

ter um momento em que “interage com as pessoas”, não estar somente envolvido com as mídias:

Ah, a gente não pensa assim: ‘*Tem esse objetivo*’, mas é isso aí, elas poderiam estar fazendo alguma coisa que é positiva, assim, cantando..., não estão só olhando tevê ou tão só no tablet, essa coisa assim. (...) é uma coisa para vida, não é, tu ali com as tuas crianças cantando..., é uma coisa muito bonita. Então o nosso objetivo é de..., é que elas estão aprendendo tanta coisa nesse mundo musical que então estão ali rindo, cantando, se expressando e ao mesmo tempo que faça bem para elas, como se fosse uma terapia, além de ter essa parte do desenvolvimento (Colorida, mãe entrevistada em 24 agosto 2017).

Abrindo outra perspectiva para problematizar as mídias enquanto uma instituição socializadora, Setton lembra que, para “o bem ou para o mal, a cultura de massa está presente em nossas vidas, transmitindo valores e padrões de conduta socializando muitas gerações” (SETTON, 2002, p. 109). A autora compreende as mídias “como espaços educativos na medida em que são responsáveis pela produção de uma série de valores que ajudam os indivíduos a organizar suas vidas e suas ideias”, nos dando uma maneira de “compreender e de se adaptar ao mundo” (SETTON, 2015, p. 9). No entanto, os pais enfatizaram uma preocupação de que essa geração que cresce “na era das mídias eletrônicas” (BUCKINGHAM, 2007) também precisa de interações sociais e não apenas virtuais.

### *Estar junto fazendo música*

Priscila considera o grupo como um espaço, um momento entre mãe e filha, tendo em vista o tempo curto que têm juntas. Ela também fala da importância em saber o que a filha está fazendo, além do tempo na escola e no CTG:

Eu acho que é isso, acho que é um tempo a mais que eu posso passar com ela, um tempo a mais que eu tenho para ficar com ela. Porque até então em função de ela estar na escola o tempo inteiro. Porque ela estuda de manhã, tem essa função da extensão à tarde, não é. Só chega em casa quase 17:30 da tarde, então o tempo que eu tenho com ela é pouco. Então tudo que eu posso fazer para ficar mais tempo junto com ela, para mim é melhor, inclusive estar lá cantando. Para mim é prazeroso porque eu gosto, mas também é prazeroso porque eu estou ali. É um momento meu e dela, é um momento que ela está ali e eu estou vendo, sabe. Quando ela está lá na UNIPAMPA, ela não está fazendo outra coisa, enquanto ela está lá no CTG ela não está fazendo outra coisa, não está na rua, sabe. É um outro ambiente assim, é o que eu quero para ela, sabe. ‘*Olha, mãe, eu quero cantar*’, ótimo, vamos cantar, até o tempo que ela quiser cantar, vamos cantar (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

Sophia e Heitor pontuaram os objetivos da família com a prática musical em três aspectos: o “estar junto”, “desenvolver música de alguma forma porque faz bem” e “socializar”, no sentido que a filha pode “conhecer outras crianças que vão fazer a mesma coisa”. Ambos acham importante que ela esteja no grupo porque desenvolve e oportuniza “mais contato com essa linguagem musical”, o que na escola não é trabalhado pelo fato de não ter aulas de música:

(...) acho que é uma forma de expressão porque, nos dias de hoje, as pessoas fazem coisas porque não conseguem se expressar e acho que a arte, a música, é um caminho de expressão para as pessoas serem mais felizes, menos tensas (Sophia, mãe entrevistada em 19 outubro 2017).

Alguns valores ligados a questões de cidadania também foram levantados durante as entrevistas. Sophia mostrou sua preocupação na formação e criação da filha argumentando que ela e o esposo se preocupam em como a menina vai se posicionar no mundo, considerando o grupo como um espaço onde ela pode aprender a “escutar o outro” e “trabalhar em conjunto”:

(...) a Isabela é filha única, não é, e a gente tem o cuidado de dizer para ela que apesar dela ser única, o mundo não gira em torno dela. Então, esse estar com outras pessoas, conviver, saber que nem sempre as pessoas vão fazer tudo que tu quer, acho que faz parte, acho que ajuda nessa parte. Porque eu me preocupo em deixar uma criatura melhor para o mundo, não só deixar o mundo melhor para ela, mas que ela seja uma pessoa de bem, uma cidadã de bem, que ela saiba conversar, saiba se relacionar (Sophia, mãe entrevistada em 19 outubro 2017).

### *Sobre o trabalho musical desenvolvido no grupo de extensão: considerações e sugestões*

*“A gente não consegue perceber, mas são nesses momentos de alegria, de satisfação, momentos assim, que vão te construir como uma pessoa mais feliz, uma pessoa mais harmoniosa”*  
(Colorida, mãe entrevistada).

As famílias consideram o trabalho no grupo um momento de dividir experiências e aprendizagens com os filhos. Colorida define o trabalho como “positivo, e a gente quer que as gurias continuem, eu quero continuar, é bom pra gente, é bom pro mundo”.

Priscila conta o que mudou em seus momentos com a filha depois de ingressar para o grupo, compreendendo a experiência como um momento que “está sendo de muita valia”. Nesse sentido, revelou que, assim como foi aprendendo com a filha, que entrou no grupo antes dela, também contribui nesse movimento de aprendizagens em família:

(...) antes quando era só ela, sabe, eu cantava música da parte dela e ela dizia: *‘Não mãe, está errado, não é assim; não mãe, tu está falando errado, não mãe, não é assim, não é nesse ritmo, não é tal coisa’*. Agora não, sabe, a gente aprendeu, eu aprendo junto com ela e ensino coisas para ela. Tipo, tem uma música que ela adora: *‘Gente, eu tô ficando impaciente...’* [música do grupo Palavra Cantada]. Aí eu digo *‘Ah, Anna Júlia como tu pode gostar dessa música’*, eu acho essa música, me dá um negócio assim, porque 22h da noite me dá um negócio e uma fome. E ela diz: *‘Ah, mas é tão bom, mãe’*, e a gente debate as coisas juntas! (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

Zero e Colorida, assim como outros pais entrevistados, deixaram como sugestão que o grupo apareça mais, que esteja nas praças da cidade, em eventos, para que assim um público maior possa conhecer o trabalho desenvolvido na universidade e ter mais famílias envolvidas:

Zero: (...) e verem essa coisa de *‘Ah, como é que eu faço pro meu filho participar’*, é trazer isso aí, porque se não fica uma coisa muito restrita.

Colorida: É saber que tem, que é do Curso de Música, que está lá, que a música não é só na rádio, não é só quando eu quero, ela pode estar em muitos lugares.

Zero: (...) boa parte do pessoal sequer sabe que existe isso aí, que tem um grupo, que o pessoal trabalha. Então essa coisa da divulgação, ela é muito importante sim. Às vezes até um evento específico, *‘Ah, o aniversário da cidade’*, alguma coisa que tenha uma coisa nesse sentido, de o pessoal estar ali, estar passando e estar vendo. (...) Trazer para que a sociedade, de um modo geral, para poder apoiar e gerar até melhorias para o próprio curso, coisas que eu acho, assim. Isso seria uma coisa importante, nesse sentido assim, de sugestão. Porque o pessoal está trabalhando na luta, essa coisa que a gente falou, esse contexto, nessa coisa da formação (...). Algumas pessoas entraram, algumas pessoas saíram, algumas pessoas do grupo, mas eu acho que a ideia é fazer com que isso cresça ainda cada vez mais (Zero e Colorida, entrevistados em 24 agosto 2017).

Sophia reiterou o trabalho no grupo como algo “que é muito valioso”. Ressaltou a importância das pessoas da comunidade, ao redor da universidade, estarem dentro do grupo, valorizando o “privilegio” que a filha tem por estar ali, junto com os pais e outras pessoas”:

Ela [a filha] também convive desde sempre num meio musical, porque como a gente trabalha aqui no IMBA a gente querendo ou não precisou trazer ela para cá, então ela tem, eu acho que ela tem esse privilégio. Mas eu acho que o grupo, o grupo em si dentro da faculdade deu privilegio para outras pessoas estarem lá dentro, vivenciarem outras coisas, eu acho que é bem importante, eu acho que é isso, acho que o trabalho do grupo não pode se perder nunca. Eu sei que nem sempre é fácil a carga horária, tem vezes que aperta, mas eu acho que é um trabalho que vale a pena, tem que seguir, tem que continuar (Sophia, mãe entrevistada em 19 outubro 2017).

Heitor retomou a questão de o grupo aparecer mais para a sociedade, porque para estar ali só basta “querer”. Também discorreu sobre o público que faz parte do grupo: alunos que não tinham experiência com um grupo de práticas vocais, outros que são formados em Música, alunos do Curso de Música ou da universidade, que estando ali trocam experiências e saberes:

(...) que eu poderia só de sugestão é: quanto mais aparecer melhor, não é, para as pessoas reconhecerem o grupo, saber que existe, saber que (...) o único requisito é querer, para participar; para crescer mais, para ter mais, para oferecer essa oportunidade também para as pessoas. Porque muitas, as pessoas tem os preconceitos, pré-conceitos no sentido mais original mesmo, de pensar: *‘Não, mas lá na universidade, como é que eu, eu que não sei nada, sei lá, vou tá cantando lá na universidade’*, mas tá dentro da universidade, mas é para ser, para pessoas que a princípio, “entre aspas”, não sabem nada e aí vão começar a aprender lá (Heitor, pai entrevistado em 19 outubro 2017).

O pai de Isabela também pontuou esse movimento de saberes entre as pessoas que estão no grupo e já possuem conhecimentos musicais com aquelas que não tiveram, configurando “uma troca grande” entre todos, visto que “tem gente de todos os lados e ali todo mundo é igual mesmo”. Sobre as trocas de experiências e aprendizagens compartilhadas no grupo, Souza explica que:

(...) a aprendizagem não se dá num vácuo, mas num contexto complexo. Ela é constituída de experiências que nós realizamos no mundo. Dessa maneira, a aprendizagem pode ser vista como um processo no qual – consciente ou inconscientemente – criamos sentidos e fazemos o mundo possível (SOUZA, 2009, p. 7)

Sobre essa possibilidade de estar sempre aprendendo, Colorida ressaltou que ela, “com quase 50 anos”, está desenvolvendo o que as meninas na infância já estão vivenciando. Essas experiências, construídas desde cedo na vida das crianças, são

fundamentais pois promovem “a criatividade”, sem o medo adulto se está acertando ou errando, conforme o diálogo abaixo:

Colorida: Outra coisa, elas estão desenvolvendo agora o que eu, com quase 50 anos, estou agora desenvolvendo. Então isso é..., está na frente, isso aí vai ajudar, elas com menos idade vão desenvolver cada vez mais. Tu colocar a criança em coisas que faz, que estimulam, que desenvolvam, é importante porque aí depois quanto mais, não é, ela for jovem, for adulta, mais facilidades vão ter, mais capacidade. Quando começa desde pequeno melhor, até uma língua diferente é bom quando menor.

Zero: Tu não tem as inibições e as restrições que você vai adquirindo com o passar do tempo..., quando tu está mais velho, o que os outros vão pensar? Criança não tem isso, eles tão brincando e não estão nem preocupados.

Colorida: É..., se errou. Eles criam, se eles inventam tem a criatividade, não é muito podada. A gente como adulto tem que cuidar porque às vezes poda: *‘Ah isso pode, isso não pode’*. Então essa criatividade deles para depois crescer um adulto criativo, que às vezes falta no mundo, não é

(Zero e Colorida, entrevistados em 24 agosto 2017).

Colorida conta que hoje ela não consegue definir o quanto a prática no grupo tem contribuído para as filhas, mas considera o momento como um processo que muitas vezes “marcam”, pois são momentos “que vão te construir como uma pessoa”. Entendendo que é difícil mensurar, complementa: “Tem muita coisa que a gente não consegue medir: *‘Ah, vai ser bom pra isso, pra aquilo’*, mas são coisas que tu está vivendo, então que está mexendo contigo, está mudando”.

A partir das narrativas, podemos considerar que as famílias entrevistadas acreditam no trabalho desenvolvido em grupo, trabalhando em sinergia (BOZZETTO, 2012) com aquilo que desejam para a educação dos filhos e com a aprendizagem musical no grupo de extensão.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Acho que o trabalho do grupo não pode se perder nunca, (...) é um trabalho que vale a pena; tem que seguir, tem que continuar”.*

(Sophia, mãe entrevistada)

A presente pesquisa oportunizou ouvir e atentar para as falas das famílias entrevistadas, revelando aspectos e movimentos do trabalho pedagógico dos pais na formação musical dos filhos e significados construídos ao longo das observações e das entrevistas. Nessa direção, tornou-se fundamental entender a música como um “fator social”, o que possibilita compreender “relações que os alunos constroem com a música” (SOUZA, 2004, p. 8), incluindo o papel da família nessas construções.

### *Sobre o campo de pesquisa*

No pré-projeto de pesquisa, conforme abordei na introdução deste trabalho, a ideia inicial era realizá-la com o grupo vocal do qual faço parte - o Coral da Orquestra Batista Júnior -, pela possibilidade de entrevistar as famílias dos meus alunos. No entanto, nas primeiras orientações fui me direcionando para outros possíveis campos de pesquisa, atenta para algum outro espaço em que eu não estivesse tão próxima, atuando como docente.

Nessa direção, o grupo de extensão em práticas vocais coletivas mostrou ser uma possibilidade visto que abriria meu olhar para práticas educativas que ocorrem fora do ambiente em que estou acostumada a trabalhar, seja a igreja ou escola, proporcionando momentos de intensa aprendizagem e conhecimento ao me aproximar de outras famílias – pais, mães, avós, tias, crianças. A escolha pelo grupo e a acolhida contribuíram para que este trabalho tivesse significativa importância em minha vida como educadora musical, mostrando outros espaços educativos, outros pais e filhos, dos quais eu não estivesse esperando respostas ou confirmações específicas, mas atenta aos movimentos que eles próprios trariam às minhas perguntas iniciais.

Mediante análise dos diários de campo produzidos, foi possível resgatar laços criados durante a pesquisa, o que proporcionou a realização de entrevistas significativas durante este processo. As famílias demonstraram, diversas vezes, como se eu fosse parte da equipe de professores do grupo. As crianças demonstravam afeto

através de um abraço ou um “oi”, juntamente com um sorriso em eventos fora do grupo. Conforme trecho de um dos diários, “(...) são essas ligações e interações com o campo que me fazem notar o quanto foi importante essa escolha” (Diário de Campo, 21 junho 2017).

### *Sobre as famílias*

As famílias que fizeram parte da pesquisa, especificamente das entrevistas, tiveram o cuidado em demonstrar que aquele momento, da entrevista, também estava sendo prazeroso para elas. Considero que isso me proporcionou grandes aprendizagens sobre práticas educativo-musicais em família e sobre o investimento e cuidado que os pais constroem para que seus filhos tenham, como diriam meus próprios entrevistados: “um bom ensino de música”.

Pude captar, também, o desejo e até mesmo a preocupação dos pais em saber mais sobre o Curso de Música ou sobre os lugares que o professor de música atua. Algumas famílias me perguntaram sobre a escolha pelo Curso, mudando o movimento da entrevista também para que eu também fosse “entrevistada”. Nessas situações, pude perceber que havia se formado uma relação de amizade e companheirismo. As famílias demonstraram interesse, também, pelos resultados da pesquisa e se colocaram à disposição para esclarecer qualquer dúvida que surgisse no decorrer do trabalho. Conforme Bozzetto (2012, p. 267) refletiu em sua pesquisa, a “responsabilidade também com o universo pesquisado acompanhou-me ao longo do trabalho em campo como um lembrete de que formas o pesquisador vai dar o retorno àqueles que lhe abriram as portas”.

Entrevistar esses pais permitiu que fôssemos construindo, a partir de suas narrativas, caminhos e eixos analíticos para o trabalho que ainda podem ser explorados diante do tema Família e Educação Musical, em futuros trabalhos.

### *Sobre as questões e objetivos*

Avaliando os objetivos desse estudo, em que o foco foi compreender aspectos da socialização musical em família e movimentos da aprendizagem musical de pais e filhos no contexto de um grupo de práticas vocais, uma das maiores motivações para as famílias participarem do grupo é a experiência de “estar junto” com os filhos. Foi revelado, durante as entrevistas, a importância das experiências e aprendizagens divididas dentro desse contexto, e os reflexos disso no ambiente familiar. São

experiências que proporcionam mais tempo com os filhos, e uma maior aproximação e participação no processo de aprendizagem deles, que ocorre juntamente com o dos pais.

O material empírico também possibilitou revelar o desejo da continuidade do trabalho musical que é desenvolvido dentro do grupo de práticas vocais. As famílias compartilharam preocupações quanto à educação dos filhos, as músicas escutadas e o papel das mídias na vida dos filhos, compreendendo as interações construídas dentro do grupo como fundamentais para ampliar experiências de aprendizagem e de objetivos das próprias famílias com o *cantar em conjunto*.

Durante a pesquisa, pude perceber o trabalho educativo que é construído “dentro de casa” e nos espaços em que os filhos estão inseridos, sejam estes o grupo de extensão em práticas vocais coletivas, o CTG, a aula de violão, de musicalização, o teatro, o ballet ou outros espaços de socialização musical que integram a rotina cotidiana das crianças.

A música é considerada “essencial” na formação dos filhos, pois segundo as famílias os filhos se desenvolvem em aspectos sociais, cognitivos e educacionais. Consideram a música importante para a família, pois a mesma está associada a momentos divididos e construídos com os filhos, lembranças e memórias dos pais.

#### *Sobre a vida de pesquisadora*

Realizar esse estudo oportunizou experiências de descobertas e encantamentos com a pesquisa qualitativa. Conforme Bozzetto apontou em suas reflexões finais: “A subjetividade, presente em cada etapa do fazer qualitativo, circunscreve-se num tempo do saber científico construído pelo pesquisador ao detalhar cada etapa percorrida, cada sentido costurado, cada pequeno, porém significativo, avanço interpretativo” (BOZZETTO, 2012, p. 268).

Ao longo do trabalho de campo pude constatar que não importa exatamente qual o campo de pesquisa, mas a maneira como nosso olhar começa a ser delineado. Nessa direção, muitos campos de pesquisa podem ser férteis, depende das lentes que utilizamos para enxergar esses diferentes espaços (Bozzetto, 2012). Me senti “animada” com o retorno das famílias, com as aprendizagens, descobertas e com os caminhos que pude conhecer através desta primeira e, talvez, pequena trajetória como pesquisadora. Reconheço que esse foi um primeiro passo para adentrar ao

universo qualitativo de pesquisa, compreensão analítica e imersão na construção de um saber científico.

Algumas “saídas justas” também foram importantes experiências de aprendizagem. Diante minha participação em ensaios do grupo infanto-juvenil, por exemplo, houve alguns conflitos mediante esta posição de pesquisadora/observadora. Enquanto observava os ensaios, um dos participantes do grupo de extensão, que também é meu aluno no Coral da Orquestra Júnior, onde desenvolvo um trabalho vocal com crianças de três a oito anos de idade no espaço da igreja, colocou-me um desafio. Este aluno, muitas vezes, não conseguia me ver como “pesquisadora”, mas como professora mesmo ali no ambiente do ensaio em que eu não tinha uma atuação como docente. Essa “confusão de papéis” faz parte no momento em que compreendemos que não somos neutros, enquanto pesquisadores. Assim, considero essas situações como mais uma aprendizagem durante a pesquisa, pois várias vezes procurei treinar este olhar qualitativo. Dentro do grupo de extensão em práticas vocais, embora diferente da posição de professora, para algumas crianças eu poderia representar diversos papéis, conforme registro em diário de campo:

O aluno estava na roda, mas quando ele viu que sentei na cadeira ele soltou rapidamente o copo e veio até mim, me deu um abraço e disse que estava com fome e que aquele ensaio era muito longo, que ele já estava com fome. Perguntou-me se ele poderia pegar a mochila e comer uma bolachinha. Não sabia como agir, afinal neste ensaio eu só posso observar e raramente os alunos interagem comigo. Porém, ele já é meu aluno e nesse ensaio eu não poderia agir como professora dele. Então, disse que ele deveria perguntar para as professoras (Diário de Campo, 17 maio 2017).

### *Sobre a educadora musical depois da pesquisa*

As relações que criamos no campo de pesquisa e com nossos colaboradores, no presente estudo representados por pais e filhos participantes do grupo de extensão em práticas vocais coletivas da UNIPAMPA, contribuíram para tecer minha iniciação como pesquisadora na área de educação musical.

Considero importante ressaltar a importância do trabalho de conclusão de curso para nossa iniciação científica, não vendo-o como mais um componente da matriz curricular de um curso de graduação, mas compreendendo sua importância em nossa formação como pesquisadores, prevendo uma continuidade do trabalho investigativo em outras e futuras jornadas:

Em nossas leituras sobre pesquisas qualitativas, geralmente os pesquisadores falam sobre a interação com o campo e o sentimento de carinho e acolhida que tiveram. Não pensava que, em tão pouco tempo, fosse possível construir uma relação tão próxima. Acredito que, já me aproximando das últimas inserções nos ensaios, posso sentir um pouco de saudade porque, embora sejam essas as quartas-feiras mais corridas do meu tempo de faculdade, fazem parte da minha rotina e também dessa 'vida, enquanto pesquisadora' (Diário de campo, 21 junho 2017).

Sobre a finalização deste processo, sinto-me uma “nova” educadora musical, mais atenta em observar as relações de pais e filhos em minhas atividades como professora. Procuo lembrar a importância que eles dão ao processo educativo dos filhos, considerando que a participação das crianças e o envolvimento delas com música nasce, também, do desejo que a família coloca nessas aprendizagens. Nessa direção, um professor não trabalha sozinho. As famílias, quaisquer que sejam suas configurações, atuam juntamente com os professores de música. Nossos alunos também são formados nessas “relações sociais e culturais em diferentes espaços e meios de socialização” (SOUZA, 2004, p. 10), sendo a família o primeiro espaço para a formação identitária da criança.

Finalizo esta etapa com um trecho de diário de campo: “A hora de saber dizer ‘até breve’ ”:

Sinto que o caminho da pesquisa e o processo tem me transformado e me ajudado a refletir, pois cada encontro teve sua particularidade e significativa contribuição para a construção do projeto. Então, para mim, o resultado fará parte de um processo cheio de indagações, reflexões, crescimento e conhecimento na área da educação musical. Posso dizer que me sinto um pouco ansiosa sobre o que irá acontecer a seguir, porém acompanhada de um sentimento de que serei surpreendida, como tenho sido até este momento (Diário de Campo, 05 julho 2017).

“O que acontece agora?” é uma pergunta que fará parte de todos os colegas de TCC, mas até aqui foram saberes preciosos e o desejo de continuar sendo e aprendendo a ser pesquisadora.

## REFERÊNCIAS

- BELLONI, Maria Luiza. *O que é sociologia da infância*. Campinas: Autores Associados, 2009.
- BODGAN, Roberto C; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOZZETTO, Adriana. *Projetos educativos de famílias e formação musical de crianças e jovens em uma orquestra*. Porto Alegre, 2012, 295 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- \_\_\_\_\_. Família como interlocutora do projeto musical dos filhos: um estudo a partir da socialização musical de crianças e jovens em uma orquestra. *Cadernos Ceru*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 52-65, dez. 2015.
- BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- COSTA, Livia Fialho da. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In: NASCIMENTO, Antonio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.) *Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 355-371.
- FREIRE, Vanda Bellard. Música, pesquisa e subjetividade: Aspectos gerais. In FREIRE, Vanda Bellard (Org.). *Horizontes da pesquisa em música*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. Parte I, p. 8 – 59.
- GOMES, Celson. Educação Musical na família: as lógicas do invisível. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 19, n. 25, p. 30-40, jan./jun. 2011.
- MINAYO, Maria Isabela de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Isabela de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 61-77.
- OLIVEIRA, João Paulo R.; MORATO, Cintia Thais. De pais pra filhos: ensino e aprendizagem musical na relação entre pais e filhos. In: XXII Congresso Nacional da ABEM, 2015, Natal, RN. *Anais do XXII Encontro Anual da ABEM: Educação Musical - formação humana, ética e produção de conhecimento*. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.
- PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- SARACENO, Chiara. *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- SETTON, Maria da Graça J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n.1, p. 107-116, jan./jun. 2002.

\_\_\_\_. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo social*, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 335-350, nov. 2005.

\_\_\_\_. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2015.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 10, 7-11, mar. 2004.

\_\_\_\_. Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 7-12.

TORRES, Maria Cecília de A. R. Músicas do cotidiano e memórias musicais: narrativas de si de professoras do ensino fundamental. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 237-258.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1 – Carta de apresentação



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Bagé, 20 de abril de 2017.

Prezadas Coordenadoras do Grupo de Práticas Vocais Coletivas da UNIPAMPA,  
professoras \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_:

Venho, por meio desta carta de apresentação, solicitar autorização para realizar algumas atividades de observação dos ensaios do Grupo de Práticas Vocais Coletivas, projeto de extensão coordenado por vocês. Estou desenvolvendo meu Trabalho de Conclusão de Curso que tem como tema geral “Famílias e formação musical dos filhos” e, como campo empírico, a ideia é conhecer as crianças e suas famílias que participam do Grupo de Práticas Vocais Coletivas, mais especificamente o grupo infanto-juvenil. O estudo prevê minha participação como pesquisadora nos ensaios e realização de observações e entrevistas com as famílias de alguns participantes. Lembro que as informações obtidas serão para fins do trabalho de pesquisa, preservando a identidade dos participantes e seguindo princípios éticos abordados na metodologia de pesquisa. A construção final do projeto de pesquisa está em andamento e, assim que estiver concluído, entregarei uma cópia para que possam acompanhar o trabalho. Minha orientadora, professora Adriana Bozzetto, está ciente e de acordo com a referida solicitação.

Agradeço pela atenção e me coloco à disposição para qualquer dúvida.

Atenciosamente,

---

Rayssa Fernandes Viegas  
Matrícula: 141151645  
Discente do Curso de Música – Licenciatura

Ciente e de acordo,

---

Orientadora Profa. Dra. Adriana Bozzetto

## APÊNDICE 2 – Roteiro de Entrevistas

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS

---

#### DADOS DE APRESENTAÇÃO

Data da entrevista: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Tempo de duração: \_\_\_\_\_

Pesquisadora: \_\_\_\_\_

Familiar(es) entrevistado(s): \_\_\_\_\_

Pseudônimo escolhido: \_\_\_\_\_

Configuração familiar e ambiente doméstico: \_\_\_\_\_

#### Parte I – MOTIVAÇÕES E MOBILIZAÇÕES DA FAMÍLIA PARA CANTAR NO GRUPO

1. Como souberam do grupo de extensão em práticas vocais coletivas?
2. Há quanto tempo estão no grupo? Sua filha entrou junto com você(s)?
3. Como é a rotina do dia do ensaio? (Organização de horários, dentre outras)
4. O que os motivou a participarem de um grupo de práticas vocais coletivas?
5. Poderiam falar sobre expectativas da família para o primeiro ensaio (e/ou outros ensaios)?
6. Lembram alguma experiência marcante, que foi significativa enquanto pais e filhos cantando no mesmo grupo?
7. Como é estar com sua filha em um grupo de práticas vocais? O que mudou?
8. O que vocês mais gostam dos ensaios do grupo de práticas vocais? Teriam sugestões?

9. Como foram as primeiras apresentações musicais de vocês dentro do grupo?
10. Quais são contribuições dessa experiência de aprendizagem musical para a família (construída nos ensaios e apresentações do grupo)?

## **Parte II - PRÁTICAS MUSICAIS EM FAMÍLIA**

11. O que vocês escutam ou fazem de música juntos (em família)?
12. Escutam música no carro ou no caminho para a escola ou para o ensaio? Quais músicas ou programas costumam ouvir ou assistir juntos?
13. Ensaiam as músicas do grupo em casa?
14. Vocês ou sua filha estudam música em algum outro lugar além do grupo? Se sim, poderiam falar sobre essa experiência de aprendizagem?
15. O que acham do repertório trabalhado no grupo? Teriam sugestões?

## **Parte III – PERSPECTIVAS SOBRE A FORMAÇÃO MUSICAL NO GRUPO DE EXTENSÃO**

16. Como veem a música na formação de sua filha (aspectos sociais e educacionais)?
17. Quais os objetivos da família com essa prática musical em conjunto?
18. Qual perspectiva de continuar nesse espaço de aprendizagem musical coletiva?
19. Gostariam de falar mais alguma coisa em relação ao trabalho desenvolvido no grupo de extensão, em relação às aprendizagens musicais em família?

### APÊNDICE 3 – Carta de autorização das entrevistas realizadas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Prezados pais:

Sou discente do Curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA e, conforme é de conhecimento, estou desenvolvendo meu Trabalho de Conclusão de Curso II tendo, como campo empírico, o grupo de práticas vocais coletivas da Universidade. Solicito, por meio desta, autorização de entrevista realizada. Importante ressaltar que as informações obtidas serão utilizadas para fins de pesquisa e a identidade dos participantes será mantida no anonimato, conforme procedimentos éticos adotados.

Agradeço pela atenção e fico à disposição para qualquer dúvida.

Atenciosamente,

---

Rayssa F. Viegas

-----

Autorizo, para os devidos fins, a entrevista concedida no dia \_\_\_\_\_ à  
Rayssa F. Viegas, CPF: 037. 047. 870 – 35, para sua pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso,  
no Curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_